PREFACIO DOS EDITORES

O oitavo volume das Obras Completas compreende, sobretudo, trabalhos em que são expostos os conhecimentos fundamentais e as hipóteses de trabalho essenciais de C. G. Jung. Seis ensaios provêm do livro *Über psychische Energetik und das Wesen der Träume* [*A Respeito da Energética Psíquica e da Natureza dos Sonhos*], publicado pela primeira vez em 1948. Com estes escritos Jung tomou posição, naquela altura, a respeito das críticas e objeções que se levantavam contra sua obra *Wandlungen und Symbole der Libido* [Transformações e Símbolos da Libido, publicada em 1912; nova edição, como título: *Symbole der Wandlung* - Símbolos da Transformação - publicada em 1952; Obras Completas, V]. Desta forma, ele documentou e ampliou sua teoria da libido, que principiou a elaborar em torno de 1912, mas que só concluiu em 1928. Nesse entretempo, discutiu os conceitos psicanalíticos de Freud, no ensaio "Versuch einer Darstellung der Analytischen Theorie" ["Tentativa de exposição da teoria analítica"] (1913; Obras Completas, IV), e resumiu de maneira muito clara suas próprias experiências e idéias. Todos estes trabalhos constituem o pressuposto básico para a compreensão da Psicologia Analítica ou Complexa.

É, sobretudo, o capítulo "Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico" que nos permite conhecer o ponto de vista epistemológico do autor. Nesse trabalho são analisados os conceitos de "consciência" e "inconsciente" na sua evolução histórica e em sua vinculação com o conceito de instinto. Esta questão preocupava Jung já desde 1919, como se pode deduzir de seu escrito "Instinkt und Unbewusstes" ["Instinto e inconsciente"]. O resultado desses estudos lhe proporcionaram as bases para a sua teoria dos arquétipos.

"Sincronicidade: um princípio de conexões acausais" foi incluído neste volume, porque versa sobre fatos determinados pelos instintos ou pelos arquétipos e que não podem ser compreendidos mediante o princípio da causalidade. Trata-se, pelo contrário, de coincidências significativas que trazem uma nova dimensão à compreensão científica. O fato de Jung ter hesitado em publicar este escrito que vinha revolucionar a ciência parece-nos muito compreensível. Ele só veio a publicá-lo juntamente com um ensaio do famoso físico e detentor do Prêmio Nobel, Prof. W. Pauli, da Eidgenössische Technische Hochschule [Escola Superior Técnica Federal] de Zurique, em *Naturerklärung und Psyche* [Explicação da Natureza e Psique] (Rascher, Zurique 1952). A teoria da sincronicidade mostra-nos a existência de conexões entre os conhecimentos da moderna Física e a Psicologia Analítica, em um campo fronteiriço ainda bem pouco explorado e de difícil acesso da realidade.

Em torno destes três trabalhos fundamentais se agrupam os estudos tematicamente conexos. Além dos mencionados ensaios: "A respeito da energia psíquica e da natureza dos sonhos", o espaço maior é ocupado por estudos isolados, extraídos dos livros *Von den Wurzeln des Bewusstseins* [As Raízes da Consciência] (1954) e *Wirklichkeit der Seele* [Realidade da Alma] (1934), bem como *Seelenprobleme der Gegenwart* [Problemas Espirituais da Atualidade] (1931).

Atenção especial merecem aqui mais dois outros estudos: "As etapas decisivas da vida" e "A função transcendente". O ensaio "As etapas da vida humana" se ocupa com o problema do processo de individuação, tarefa que se coloca principalmente na segunda metade da existência, ao passo que "A função transcendente" - escrito em 1916, mas só publicado quarenta anos mais tarde - analisa o caráter prospectivo dos processos inconscientes. É daqui que os estudos de Jung sobre a "imaginação ativa", componente essencial da experiência psíquica e das discussões no âmbito da Psicologia Analítica, têm o seu ponto de partida.

Os trabalhos menores sobre cosmovisão, realidade e supra-realidade, sobre espírito e vida, assim como sobre a crença nos espíritos, se ocupam com conceitos teóricos, sob um ponto de vista empírico. O autor procura também entender essas questões em seu aspecto fenomenológico, para, em seguida, explorá-las sob o ponto de vista psicológico.

Para a edição do presente volume, a comunidade herdeira das obras de Jung nomeou a Sra. Lilly Jung-Merker e a Srta. Dra. Elisabeth Rüf como novas integrantes do corpo editorial. O índice de pessoas e o índice analítico foram elaborados pela Srta. Marie-Luise Attenhofer e pela Sra. Sophie Baumann-van Royen e, posteriormente, pelo Sr. Jost Hoerni. A eles deixamos aqui expresso o nosso agradecimento pelo seu cuidadoso trabalho. Na tradução dos textos gregos e latinos tivemos a assistência da Dra. Marie-Louise von Franz, trabalho este que merece todo nosso agradecimento.

Pelos editores, F.N. Riklin

CAPÍTULO 1

OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE O PONTO DE VISTA ENERGÉTICO NA PSICOLOGIA

A. INTRODUÇÃO

[1] O conceito de *libido*, por mim proposto,[1] topou com muitos mal-entendidos e mesmo com a absoluta rejeição. Por isso não me parece supérfluo examinar, ainda uma vez, as bases em que se assenta este conceito.

[2] É fato universalmente conhecido que os fenômenos físicos podem ser considerados sob dois pontos de vista distintos, a saber: do ponto de vista *mecanicista* e do ponto de vista *energético*.[2] A concepção mecanicista é meramente causal, e compreende o fenômeno como sendo o efeito resultante de uma causa, no sentido de que as substâncias imutáveis alteram as relações de umas para com as outras segundo determinadas leis fixas.

[3] A consideração energética é essencialmente de caráter finalista[3], e entende os fenômenos, partindo do efeito para a causa, no sentido de que na raiz das mutações ocorridas nos fenômenos há uma energia que se mantém constante, produzindo, entropicamente, um estado de equilíbrio geral no seio dessas mutações. O desenrolar do processo energético possui uma direção (um objetivo) definida, obedecendo invariavelmente (irreversivelmente) à diferença de potencial. A idéia de energia não é a de uma sustância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações de movimento. Suas bases não são, por conseguinte, as substâncias como tais, mas suas relações, ao passo que o fundamento do conceito mecanicista é a substância que se move no espaço.

[4] Esses dois pontos de vista são imprescindíveis para a compreensão do fenômeno físico e por isso gozam do reconhecimento geral, porque, graças à coexistência dos pontos de vista mecanicista e energético, foi surgindo pouco a pouco uma terceira forma de concepção simultaneamente mecanicista e energética, embora, considerada sob o ponto de vista lógico, a subida da causa ao efeito, isto é, a ação progressiva da causa, não possa constituir a escolha regressiva de um meio em ordem a um fim.[4] É-

---

[1] Cf. *Wandlungen und Symbole der Libido*, p. 120s (nova edição: *Symbole der Wandlung*, p. 218s) [Obras Completas, V].

[2] Cf. Wundt, *Grundzüge der physiologischen Psychologie*, III, p. 692s. Com relação ao ponto de vista dinamista, cf. V. Hartmann, *Die Weltanschauung der modernen Physik*, p. 202s.

[3] Evito o termo "teleológico", para não dar margem ao mal-entendido que vem associado ao conceito corrente de teleologia, ou seja, à opinião de que a teleologia encerra a idéia de prefixação de um fim a ser alcançado.

[4] "As causas finais e causas mecânicas se excluem mutuamente, porque uma função não pode ser ao mesmo lempo unívoca e plurívoca" (WUNDT, op. cit., III, p. 728). Parece-me inadmissível falar-se de "causas finais", pois o resultado disto é um conceito híbrido, resultante da mistura de um ponto de vista causal e finalista. Em Wundt, a seqüência causal e unívoca é constituída de três termos, a saber: da causa M. e do efeito resultante E, ao passo que a seqüência final e plurívoca é constituída de três termos, ou seja: do fim que se tem em vista: A, do meio a ser usado: M, e da consecução do fim: E. Considero esta construção como um produto híbrido, porque o conceito de finalidade e uma complementação, concebida em termos causais, da seqüência final real M-E, também ela unívoca e constituída de dois membros. Quer dizer: como a consideração final não e senão o inverso do ponto de vista causal (Wundt), M-E e simplesmente a conexão causal, considerada em sentido inverso. O conceito de finalidade desconhece uma causa situada no começo do processo, pois o ponto de vista finalista não é causai e, por conseguinte, não contem nenhuma idéia de causa, da mesma forma como o ponto de vista causal não encerra a idéia de finalidade ou de consecução de um fim.

nos de todo impossível conceber um só e mesmo encadeamento dos fatos como sendo, ao mesmo tempo, causai e final, pois uma determinação exclui a outra. Trata-se precisamente de dois pontos de vista diferentes dos quais um é o inverso do outro, pois o princípio de finalidade é o inverso lógico do princípio de causalidade. A finalidade não é apenas logicamente possível, como igualmente um princípio imprescindível de explicação da natureza, pois uma explicação da natureza não pode ser unicamente mecanicista. Com efeito, se nossos conhecimentos fossem apenas de substâncias em movimento, só haveria explicações causais. Entretanto, conhecemos também relações de movimento que nos levam forçosamente a um ponto de vista energético.[5] Se assim não fosse, não haveria absolutamente necessidade de inventar o conceito de energia.

[5] A predominância de um ou de outro ponto de vista depende menos do comportamento das coisas do que propriamente das disposições psicológicas do pesquisador e do pensador. A empatia conduz a um ponto de vista mecanicista, e a abstração a um modo de ver energético. As duas orientações tendem a cometer o erro de hipostasiar seus princípios com os chamados fatos objetivos da experiência e a opinar que a concepção subjetiva se identifica com o comportamento das coisas e que, por conseqüência, a causalidade, por ex. tal qual a encontramos em nós próprios, se acha presente também objetivamente no comportamento das coisas. Este erro é muito difundido e por isso leva a conflitos incessantes com o princípio oposto, pois, como dissemos acima, é de todo impossível conceber que a determinação seja simultaneamente causal e final. Esta contradição insuportável resulta da projeção ilícita e irrefletida do mero ponto de vista no objeto. Os pontos de vista só são isentos de contradição, quando se mantêm na esfera do psicológico e só hipoteticamente são projetados no comportamento das coisas. O princípio de causalidade suporta, sem contradição, o seu oposto lógico, mas os fatos não. Por esta razão, a finalidade e a causalidade se excluem forçosamente no objeto. Entretanto, devido à conhecida tendência a reduzir as coisas, é comum estabelecer um compromisso insuficiente sob o ponto de vista teórico, considerando esta pequena porção como causai e aquela outra como final.[6] Aí, então, surge toda espécie de produtos compostos que, todavia - é impossível negá-lo -, nos oferecem uma imagem relativamente fiel da realidade.[7] Não devemos jamais perder de vista que, por mais bela que seja a concordância dos fatos com nossos conceitos, nossos princípios de explicação mais não são do que pontos de vista, isto é, manifestações das nossas disposições psicológicas e das condições apriorísticas do pensamento.

---

[5] A disputa entre energeticismo e mecanicismo é um caso semelhante ao da antiga questão dos universais. Certo é que o objeto de nosso conhecimento sensível são as coisas individuais, e neste sentido o universal é apenas um nome, uma palavra. Mas as coisas nos oferecem também semelhanças ou relações, e neste sentido o universal é uma realidade (realismo relativo de Abelardo).

[6] A finalidade e a causalidade são duas formas possíveis e antonômicas de entender os fatos. São "interpretantes" progressivos e regressivos (WUNDT) e, como tais, contraditórios. Esta proposição naturalmente só é correta quando se pressupõe que o conceito de energia é uma abstração que expressa uma relação. "A energia é relação" (V. HARTMANN, Weltanschauung, p. 196). Não é correto, porém, quando se pressupõe um conceito hipostasiado de energia (como, por ex., em OSTWALD, *Die Philosophie der Werte*).

[7] "A diferença entre a consideração teleológica e consideração causal não é uma diferenciação material, que divide os conteúdos da experiência em dois setores de natureza díspar; pelo contrário, os dois modos de considerar são diversos apenas do ponto de vista formal, de tal sorte que a cada relação final corresponde uma conexão causal; mas pode acontecer também o inverso: existir, eventualmente, para cada relação causal uma forma teleológica" (WUNDT, op. cit.,111, p. 737).

B. A POSSIBILIDADE DA DETERMINAÇÃO PSICOLÓGICA QUANTITATIVA

[6] Do que acabamos de expor resulta evidente por si mesmo, posso crer, que todo fenômeno requer ao mesmo tempo um ponto de vista mecanicista-causal e um ponto de vista energético-final. É somente *a oportunidade, quer dizer, a possibilidade de êxito* que decide se a preferência deve recair sobre este ou aquele ponto de vista. Se se considera o aspecto qualitativo do acontecimento, é o ponto de vista energético que é postergado, porque nada tem a ver com as substâncias, mas unicamente com suas relações quantitativas de movimento.

[7] Já se discutiu muito a questão se o acontecimento psíquico pode ser tomado também sob o ponto de vista energético. A priori não há razão para que isto não seja possível, pois não há motivos para excluir o acontecimento psíquico do campo dos dados objetivos da experiência. Como bem o mostra o exemplo de Wundt[8], é possível duvidar, de boa-fé, que o ponto de vista energético possa ser aplicado com relação aos fenômenos psíquicos, e, em caso afirmativo, que a psique possa ser considerada como um sistema relativamente fechado.

[8] No que respeita ao primeiro ponto, devo concordar com a opinião de VON GROT, um dos primeiros a sustentar a teoria energética da psique, quando afirma: "O conceito de energia psíquica é tão legítimo em ciências quanto o de energia física, e a energia psíquica tem também suas medidas quantitativas e formas diferentes, como a energia física".[9]

[9] No que se refere ao segundo ponto, eu me distingo dos que estudaram esta questão até o presente, no sentido de que quase não me tenho preocupado em enquadrar os processos da energia psíquica no sistema físico. Se não o faço, não é porque possuo, quando muito, vagas suposições a este propósito, mas porque não encontro pontos de apoio reais. Embora esteja convencido de que a energia psíquica se acha de algum modo estreitamente ligada ao processo físico, ainda preciso de experiências e de conhecimentos bastante diversos para falar, com competência, a respeito desta vinculação. Com relação ao aspecto filosófico da questão, situo-me no terreno das idéias desenvolvidas por BUSSE, a este respeito.[10] Devo também filiar-me ao pensamento de KÜLPE, quando afirma a tal propósito: "E de todo indiferente se uma determina da quantidade de energia espiritual se introduz ou não no decurso dos processos materiais: ou seja, se a lei da conservação da energia na forma como tem sido compreendida até hoje não estaria sendo violada".[11]

[10] Em meu modo de ver, a relação psicofísica é um problema distinto, que talvez venha a ser resolvido algum dia. Enquanto isto, a psicologia não pode deter-se diante desta dificuldade, mas pode considerar a psique como um sistema relativamente fechado. E preciso, portanto, romper com a concepção "psicofísica" que me parece insustentável, pois seu ponto de vista epifenomenológico é ainda um resquício de uma herança do velho materialismo científico. Na opinião de LASSWITZ, VON GROT e outros, os fenômenos da consciência não teriam nenhuma relação funcional recíproca, pois constituiriam *apenas* (!) "manifestações, expressões e indícios de relações funcionais mais profundas". As relações causais dos acontecimentos psíquicos entre si, que podemos observar a qualquer momento, contradizem o ponto de vista epifenomenológico que possui uma semelhança fatal com a concepção materialista segundo a qual a psique é uma secreção do cérebro, tal como a bílis, que é uma

---

[8] Cf. nota n. 4, acima.
[9] V. GROT, *Die Bregriffe der Seele und derpsychischen Energie in der Psychologie*, p. 290.
[10] BUSSE, Geist um Kõrper, *Seele und Leib*.
[11] KÜLPE, *Einleitung in die Philosophie*, p. 150.

secreção do fígado. Uma psicologia para a qual o fato psíquico é um epifenômeno melhor faria se se denominasse fisiologia do cérebro, conlentando-se com o magro resultado que uma tal psicologia oferece. O fato psíquico merece ser considerado como um fenômeno em si, pois não há motivo nenhum para concebê-lo como um mero epifenômeno, embora esteja ligado à função cerebral, do mesmo modo como não se pode considerar a vida como um epifenômeno da química do carbono.

[11] A experiência direta com as relações quantitativas, de um lado, e do outro a profunda obscuridade de uma ligação psicofísica que ainda nos escapa completamente, nos autorizam a considerar a psique, pelo menos provisoriamente, como um sistema energético relativamente fechado. Acho-me em oposição direta à energética psicológica de VON GROT. Segundo o meu modo de ver, ele se movimenta aqui em terreno totalmente inseguro, e esta é a razão pela qual suas demais explicações possuem pouca força probativa. Como quer que seja, eu gostaria de apresentar sumariamente ao leitor as afirmações de VON GROT, pois são formulações de um pioneiro neste difícil domínio:

> 1. As energias psíquicas são quantidades e grandezas, como as de natureza física.
> 2. São recíprocas entre si, se expressando sob formas distintas da atividade psíquica e da potencialidade psíquica e imutáveis.
> 3. Podem converter-se também em energia física, e vice-versa (através dos processos fisiológicos).[12]

[12] É quase de todo desnecessário acrescentar que o item 3 deve vir acompanhado de um sinal de interrogação, carregado de sentido. Em última instância, é somente a oportunidade que nos indica, não se o ponto de vista energético é possível, mas se, na prática, promete ter êxito.[13]

[13] A possibilidade da determinação quantitativa exata da energia física nos *mostrou* que seria possível chegar a um ponto de vista energético para o fenômeno físico. Entretanto, seria possível também considerar o acontecimento físico em sentido energético, caso não existisse uma determinação quantitativa exata, mas unicamente a possibilidade de avaliá-los quantitativamente.[14] Se fosse de todo impossível mesmo uma avaliação simples, seríamos obrigados a renunciar a um ponto de vista energético, pois, se não houver a possibilidade de uma avaliação quantitativa, o ponto de vista energético seria de todo supérfluo.

a. O sistema subjetivo de valores

[14] A possibilidade de utilizar o ponto de vista energético depende da questão se é possível fazer avaliações quantitativas da energia psíquica. Deve-se responder resolutamente pela afirmativa a esta pergunta, pois nossa psique possui inclusive um sistema extremamente refinado de avaliar, ou seja, *o sistema de valores psicológicos*. Os valores são avaliações de quantidades energéticas. Em relação a isto convém observar que dispomos não apenas de um sistema objetivo de valores, mas também de um sistema objetivo de medidas, ou seja, os valores morais e estéticos coletivos. Este sistema de medidas, porém, não é diretamente aplicável quanto ao fim que

---

[12] V. GROT, op. cit.,p. 323.

[13] V. GROT chega mesmo ao ponto de dizer que o ônusprobandi [a obrigação de provar] cabe àqueles que negam a aplicabilidade da lei da conservação da energia à Psicologia, mas não àqueles que a admitem (op. cit., p. 324).

[14] Foi isto realmente o que aconteceu com DESCARTES, que foi o primeiro a estabelecer o princípio da conservação da quantidade do movimento, sem contudo dispor dos métodos de medição física, que só foram descobertos cm época recente.

temos em vista, pois se trata de uma escala de valores fixada de maneira geral e que só indiretamente leva em conta as condições psicológicas ou individuais.

[15] O que é preciso considerar em primeira linha com relação ao nosso objetivo é o *sistema subjetivo de valores*, as avaliações subjetivas de cada indivíduo em particular. Na realidade, podemos apreciar os valores subjetivos de nossos conteúdos psicológicos até certo ponto, embora por vezes nos seja extremamente difícil estimá-los de maneira objetivamente correta, ou seja, no confronto com valores fixados de maneira geral. Este confronto, todavia, é desprovido de importância para os fins que temos em vista, como foi dito anteriormente. Podemos confrontar nossas avaliações umas com as outras e determinar sua força *relativa*. Mas a medida utilizada é relativa quanto aos valores dos outros conteúdos. Por isso não é uma medida absoluta e objetiva, embora seja suficiente para os fins que temos em vista, na medida em que podemos conhecer, com certeza, densidades desiguais de valores dentro de qualidades e valores iguais que se equilibram sob as mesmas condições, como é fácil de provar.

[16] As dificuldades começam quando se trata de confrontar intensidades de valores de qualidades diferentes, como no caso, por ex., da confrontação do valor de uma idéia científica com uma impressão do sentimento. Neste ponto, a apreciação subjetiva se torna incerta, e por este motivo não merece confiança. De igual modo, a avaliação subjetiva se restringe apenas aos conteúdos conscientes. Por isso ela nada vale com relação ao valor dos influxos inconscientes, onde se trata de avaliações que deveriam ultrapassar os limites da consciência.

[17] Mas quando se trata da conhecida relação compensadora entre o consciente e o inconsciente,[15] é sumamente importante descobrir a possibilidade de determinar valores para a esfera do inconsciente. Se pretendemos um ponto de vista energético do fenômeno psicológico, devemos ter presente o fato, da máxima importância, de que valores conscientes podem desaparecer aparentemente, não voltando a se manifestar em uma atividade consciente correspondente. Neste caso, devemos esperar, em teoria, que eles apareçam no inconsciente, mas como o inconsciente não nos é diretamente acessível, nem em nós próprios nem lambem nos outros, a avaliação só pode ser efetuada de modo indireto, isto é, precisamos recorrer a métodos acessórios para realizar as avaliações. Quando é o caso da apreciação subjetiva, o sentimento e a intuição ajudam, sem mais outra, porque se trata de uma função que se desenvolveu e se diferenciou, desde tempos imemoriais, com extremo refinamento. A criança já se exercita desde muito cedo em diferenciar sua escala de valores, ponderando qual dos dois ela mais ama: se o pai ou a mãe; quem é que vem em segundo ou terceiro lugar e quem ela mais odeia. Esta avaliação consciente falha não somente no confronto com as manifestações do inconsciente, como degenera em avaliações claramente falsas, também chamadas "recalques" ou "deslocamento do afeto". Na apreciação das intensidades de valores inconscientes deve-se, portanto, excluir toda e qualquer avaliação subjetiva. Daí resulta que precisamos de pontos de referência objetivos que nos tornem possível uma avaliação indireta, mas também objetiva.

---

[15] O caráter unilateral da consciência é compensado no inconsciente por uma posição eventualmente contrária. São sobretudo os fatos da psicopatologia que nos mostram claramente a tendência compensatória do inconsciente. Abundante material comprobatório neste sentido se encontra nos escritos de FREUD e de ADLER, bem como em minha obra *Psychologie der Dementia praecox* [Obras Completas, III]. Aspectos teóricos em: "Instinto e inconsciente" [capítulo VI do presente volume]. Sobre a compensação psíquica em suas conexões gerais cf. MAEDER, *Régulation psychique et guérison*.

b. A avaliação quantitativa objetiva

[18] Em meus estudos sobre os fenômenos das associações[16] mostrei que existem certos agrupamentos de elementos psíquicos em torno de conteúdos afetivamente acentuados, que designamos como complexos. O conteúdo afetivamente acentuado, ou complexo, é constituído de um elemento central e de um grande número de associações secundariamente consteladas. O núcleo central consta, por sua vez, de duas componentes, a saber: 1) de um fator determinado pela experiência, isto é, por um acontecimento vivido e ligado causalmente àquilo que o cerca, e 2) de um fator determinado pelas disposições internas e imanente ao caráter do próprio indivíduo.

[19] O núcleo caracteriza-se pela sua tonalidade afetiva, pela acentuação dos afetos. Esta acentuação é, energicamente falando, uma quantidade de valor. Subjetivamente é possível avaliar a quantidade de maneira mais ou menos aproximada, na medida em que o elemento central seja consciente. Mas, quando o núcleo é de todo inconsciente,[17] como acontece freqüentemente, ou é inconsciente pelo menos em seu significado psicológico, a avaliação subjetiva torna-se impossível. Aqui deve-se lançar mão do método de avaliação indireta. Tal método se baseia, em princípio, no seguinte fato: o elemento central gera automaticamente um complexo, por ser portador de uma carga afetiva, isto é, por possuir um valor energético, como mostrei detalhadamente no segundo e terceiro capítulos de minha obra *Psicologia da Demência Precoce*. O núcleo tem força consteladora, em correspondência com seu valor energético. Ele gera uma constelação específica de conteúdos psíquicos. Daí resulta o complexo que é, por conseguinte, uma constelação de conteúdos psíquicos dinamicamente determinada pelo valor energético. A constelação resultante,

---

[16] Cf. *Diagnostische Assoziationstudien* [Estudos Diagnósticos sobre as Associações, Obras Completas, II].

[17] Não é por si mesmo evidente que o complexo ou o seu núcleo principal possam ser conscientes. Um complexo que não possuísse uma certa ou mesmo considerável intensidade afetiva não seria realmente um complexo. Esse valor energético deveria elevá-lo automaticamente - como a rigor seria de esperá-lo - ao plano da consciência, isto é, a força de atração que lhe é inerente deveria, a rigor, atrairá atenção do consciente (campos de força se atraem mutuamente). Mas a circunstância de isto não acontecer com freqüência exige uma explicação especial. E a explicação mais plausível e mais simples e a que nos é oferecida pela teoria da repressão de FREUD. Esta teoria pressupõe a presença de um pólo contrário na consciência, ou seja: a disposição consciente é, por assim dizer, hostil ao complexo e não o deixa tornar-se consciente. Esta teoria explica verdadeiramente um grande número de casos. Mas, como me ensina a experiência, há casos que não é possível explicar com base nesta teoria. A teoria do recalque só tem propriamente diante dos olhos aqueles casos em que um conteúdo em si mesmo capaz de atingir a consciência é repelido do âmbito da consciência total e se torna inconsciente, ou e mantido *a limine* [desde o início] à margem do processo de tornar-se consciente. Mas ela não leva cm conta os demais casos cm que se forma um conteúdo portador de uma grande intensidade energética, a partir de materiais do inconsciente em si não capazes de tornar-se conscientes, e assim não poderão nunca tomar-se conscientes, ou só com grandíssimas dificuldades. Num caso desta espécie a disposição consciente não somente não é hostil ao conteúdo inconsciente, mas supõe que este lhe vá espontaneamente ao encontro: trata-se de neoformações criadoras que têm o seu ponto inicial no inconsciente. Do mesmo modo que uma mãe espera seu filho com todo o ardor de seu coração, mas o põe no mundo entre dores e incômodos, assim também um novo conteúdo criador permanece durante muito tempo no inconsciente, não obstante a prontidão da consciência, sem que tenha sido "recalcado". Tal conteúdo possui alto valor energético, mas, apesar disto, não se torna consciente. Não é muito difícil explicar este fato: como o conteúdo é novo e, justamente por isso, estranho à consciência, ainda não há associações e rupturas de relações com os conteúdos da consciência. É preciso primeiramente percorrer fatigosamente todas estas conexões. Sem elas é impossível chegar-se a um pleno grau de consciência. Por isso, dever-se-ia considerar sobretudo dois motivos para explicar a inconsciência de um conteúdo: 1) a repressão de um conteúdo capaz de atingir a consciência, e 2) a estranheza de um conteúdo ainda incapaz de chegar à consciência.

entretanto, não é uma mera irradiação da excitação, mas uma escolha dos conteúdos psíquicos excitados, determinada pela qualidade do núcleo, escolha esta que não pode ser, naturalmente, explicada em termos energéticos, pois a explicação energética é quantitativa e não qualitativa. Para uma explicação qualitativa necessitamos do ponto de vista causal.[18] A proposição sobre a qual se baseia a avaliação objetiva é concebida, portanto, nos seguintes termos: A força consteladora do núcleo corresponde à sua intensidade ou à sua energia.

[20] Mas de que meio dispomos para estimar todo o valor energético da força consteladora que enriquece um complexo com associações? Podemos estimar esta quantidade energética das seguintes formas:

[21] 1. *Pelo número relativo de constelações produzidas pelo núcleo central*. Esta determinação se faz, de um lado, pela observação direta e, do outro, pela dedução analítica, ou seja: quanto maior é a ocorrência de constelações condicionadas por um só e mesmo complexo, tanto maior deve ser o seu valor psicológico.

[22] 2. *Pela freqüência e intensidade mais ou menos acentuadas dos chamados indícios de perturbações ou de complexos*. Entendemos como tais não só os indícios que surgem no decorrer da experiência das associações e que outra coisa não são do que efeitos do complexo cuja forma é determinada pela situação especial de experimentação, como trata-se igualmente de fenômenos peculiares ao processo psicológico livre das condições de experimentações. FREUD descreveu grande parte destes fenômenos, como, por ex., os erros de linguagem, os lapsos de escrita, de memória, mal-entendidos ê outros atos sintomáticos. Acrescentem-se ainda os automatismos por mim descritos, como sejam as "fugas de idéias", as "fascinações", o "falar despropositai",[19] etc. É possível determinar até certo ponto a intensidade destes fenômenos, medindo sua duração, como mostrei na experiência das associações. O mesmo é possível também para o processo psicológico sem limitações, onde podemos facilmente determinar, de relógio na mão, a intensidade do valor, medindo sua duração, o tempo de que necessita o paciente para falar de certas coisas. Alguém poderia objetar que os pacientes desperdiçariam muitas vezes a maior parte de seu tempo com este fim, e que se ocupariam de coisas acessórias, evitando o principal. Mas isto nos mostra precisamente o quanto as coisas ditas acessórias são importantes para eles. O observador deve guardar-se de considerar arbitrariamente os interesses principais e reais dos pacientes como coisas acessórias, no sentido de um pressuposto subjetivo e teórico. Pelo contrário: para que possa determinar os valores reais, deve ater-se rigorosamente aos critérios objetivos. Se uma paciente, por ex., desperdiça seu tempo queixando-se de sua empregada, em vez de ir diretamente ao conflito principal, que o médico talvez tenha divisado de maneira totalmente correta, tal fato indica que seu complexo de empregada tem um valor energético presentemente maior do que o conflito porventura ainda inconsciente, que só se manifesta abertamente como elemento central durante o tratamento, ou que o fator inibitivo resultante da posição altamente valorizada mantém o elemento central ainda no inconsciente, graças a uma supercompensação.

[23] 3. *Pela intensidade dos fenômenos afetivos concomitantes*. Temos, para isto, meios de determinação que nos permitem, não propriamente uma medição direta das dimensões afetivas, mas a sua avaliação. A psicologia experimental nos tem proporcionado uma série de métodos neste sentido. Além da medição da duração, que

---

[18] Ou de um conceito hipostasiado de energia, como o que se encontra em OSTWALD. Mas, por este caminho, dificilmente se poderia evitar o conceito de substância necessário para um modo de explicação causal e mecanicista, pois "energia", no fundo, é sempre e somente um conceito quantitativo.

[19] Cf. *Über die Psychologie der Dementia praecox*,p. 101s [Obras Completas, III].

determina mais o fator inibidor do processo associativo do que os afetos atuais, dispomos, sobretudo dos seguintes meios, a saber:

a) a curva do pulso;[20]

b) a curva respiratória;[21]

c) os fenômenos psicogalvânicos.[22]

[24] As modificações facilmente identificáveis destas curvas nos permitem conclusões aproximativas quanto à intensidade das causas das perturbações. E possível também- como a experiência nos tem mostrado à saciedade - provocar intencionalmente fenômenos afetivos no sujeito da experiência, mediante estímulos psicológicos que sabemos particularmente portadores de carga afetiva para tal indivíduo com relação ao seu experimentador.[23]

[25] Afora estes métodos experimentais, temos também um sistema subjetivo de natureza altamente diferenciada, usado para identificar e avaliar os fenômenos afetivos atuais nos outros, ou seja: há dentro de nós, neste sentido, um instinto direto de conhecimento, que os animais possuem também em alto grau, não só em relação à própria espécie, como em relação ao homem e aos outros animais. Percebemos nos outros até mesmo as mais ligeiras flutuações de natureza emocional, e temos uma sensibilidade muito fina para a qualidade e a quantidade dos nossos semelhantes.

---

[20] Cf. BERGER, *Über die körperlichen Äusserungen psychischer Zustände*, A. LEHMANN, *Die körperlichen ÄÀusserungen psychischer Zustände*.

[21] PETERSON E JUNG, *Psychophysical Investigations with the Galvanometer and Pneumograph in Normal and Insane Individual* [Obras Completas, II]. NUNBERG, *Über körperliche Begleiterscheinungen assoziativer Vorgänge*. RICK.SHER E JUNG, Fürther *Investigations on the Galvanic Phenomena* [Obras Completas, II].

[22] VERAGUTH, *Das psychogalvanische Reflexphänomen*. BINSWANGER, *Über das Verhalten des psychogalvanischen Phänomens beim Assoziationsexperiment*.

[23] Sobre este ponto, remeto o leitor à minha obra *Diagnostiche Assoziationsstudien*, bem como a *Collected Papers on Analytical Psychology*, cap. II [ambos em: Obras Completas, II].

CAPÍTULO 2
A ADOÇÃO DO PONTO DE VISTA ENERGÉTICO

A. O CONCEITO PSICOLÓGICO DE ENERGIA

[26] A expressão "energia psíquica" vem sendo usada já desde muito tempo. Encontramo-la já em SCHILLER.[24] Também é empregada por VON GROT[25] e TH. LIPPS.[26] Este último distingue entre energia psíquica e energia física. Também STERN deixa em aberto a questão da relação entre as duas.[27] Devemos a LIPPS uma diferenciação entre o conceito de energia psíquica e o de força psíquica. Para LIPPS a força psíquica é a possibilidade de que na alma surjam processos que alcancem um determinado grau de eficácia. A energia psíquica, ao invés, é "a possibilidade, inclusa nos próprios processos, de que esta força passe a atuar".[28] Em outro lugar LIPPS fala também de "qualidades psíquicas". A diferenciação entre energia e força é conceitualmente necessária, pois a energia é, propriamente falando, um conceito que não existe objetivamente no fenômeno como tal, mas se acha presente no fundamento da experiência específica. Em outras palavras: na experiência, a energia é sempre específica, manifestada no momento como movimento e força; virtualmente é situação, é condição. Quando em ato, a energia psíquica se manifesta nos fenômenos dinâmicos da alma, tais como as tendências, os desvios, o querer, os afetos, a atuação, a produção de trabalho, etc, que são justamente forças psíquicas. Quando virtual, a energia aparece nas aquisições, possibilidades, aptidões, atitudes, que são condições.

[27] A diferenciação entre os diversos tipos de energia, tais como a energia do prazer, a energia da sensação, a energia do contraste, etc, como a que a faz LIPPS, parece-me conceitualmente inadmissível, pois as especificações da energia são juntamente as forças e as diversas condições. A energia é um conceito quantitativo que subsume as diversas forças e condições. Somente estas últimas se acham qualitativamente definidas, pois são conceitos que expressam qualidades que se tornam eficazes mediante a energia. O conceito de quantidade nunca deve ser entendido simultaneamente em sentido qualitativo; do contrário, tornaria impossível descrever as relações existentes entre as forças, como é sua verdadeira função.

[28] Infelizmente, como não podemos provar cientificamente que exista uma relação de equivalência entre a energia física e a energia psíquica,[29] não nos resta outra alternativa senão desistir do ponto de vista energético ou postular uma energia psíquica, coisa que seria de todo possível, como operação hipotética. A Psicologia, do mesmo modo que a Física, pode permitir-se o direito especial de formar seus próprios conceitos, como já observara LIPPS, na medida em que é conveniente adotar um ponto de vista energético, e não significa apenas, como já sublinhara WUNDT, com razão, uma mera inclusão em um conceito genérico e vago. Somos, porém, de opinião

---

[24] SCHILLER pensa, por assim dizer, em termos de energia. Ele opera com idéias tais como "transferência da intensidade", etc. (*Über die ästhetische Erziehung des Menschen*).
[25] Cf. V. GROT, *op. cit*.
[26] LIPPS, *Leitfaden der Psychologie*, p. 62 e 66s.
[27] STERN, *Über Psychologie der individuellen Differenzen*, p. 119s.
[28] LEITFADEN, p. 62.
[29] MAEDER é, inclusive, da opinião de que a "atividade criativa" do organismo é, de modo particular, a da psique "excede a energia consumida". Ele defende também o ponto de vista segundo o qual, para a psique, além do principio da conservação e o princípio da entropia, deve-se fazer uso também de um terceiro princípio, o da integração (*Heilung und Enrwicklung im Seelenleben*, p. 50 e 69s).

que vale a pena adotar um ponto de vista energético a respeito dos fenômenos psíquicos, porque são justamente as relações quantitativas, cuja existência no psíquico é impossível negar, que encerram possibilidades de conhecimento que só uma consideração qualitativa ignora.

[29] Se a psique, como querem os psicólogos da consciência, consistisse apenas em processos conscientes (se bem que um tanto "obscuros", como se admite), poderíamos contentar-nos com postular uma "energia psíquica". Entretanto, como estamos convencidos de que os processos inconscientes são também da competência da Psicologia e não apenas da fisiologia do cérebro (enquanto meros processos de base), vemo-nos na necessidade de assentar nosso conceito de energia em uma base um pouco mais ampla. Estamos inteiramente de acordo com WUNDT, quando este afirma que existem coisas obscuramente conscientes. Admitimos igualmente uma escala de clareza dos conteúdos conscientes; mas para nós a psique não cessa, quando começa o obscuro; ela continua no inconsciente. Reconhecemos também à fisiologia do cérebro a parte que lhe cabe, ao admitirmos que as funções inconscientes repousam, afinal, nos processos de base, aos quais não se pode conferir uma qualidade psíquica, a menos que se recorra à hipótese filosófica de um pampsiquismo.

[30] A delimitação do conceito de energia psíquica nos coloca diante de certas dificuldades, porque não temos nenhuma possibilidade de separar o psíquico do processo *biológico* em geral. O biológico comporta um ponto de vista energético, do mesmo modo que o psíquico, desde que o biólogo considere semelhante ponto de vista como útil e valioso. Da mesma forma que o psíquico, assim também o processo vital, em geral, não guarda para com a energia psíquica nenhuma relação de equivalência rigorosamente demonstrável.

[31] Uma vez que nos colocamos no terreno do *common sense* [bom senso] científico e evitamos considerações filosóficas que nos levariam demasiado longe, o melhor que temos a fazer é justamente considerar o processo psíquico simplesmente como um processo vital. Com isto estendemos o conceito de energia psíquica a um conceito mais amplo de *energia vital* que engloba também a chamada energia psíquica como componente específico. Isto nos oferece a vantagem de podermos seguir as relações quantitativas, para além dos estreitos limites do psiquismo, até às funções biológicas em geral, podendo assim fazer justiça às relações sempre existentes, e de longa data discutidas, entre "corpo e alma", caso seja necessário.

[32] *O conceito de energia vital, entretanto, nada tem a ver com uma denominada força vital*, pois, enquanto força, esta nada mais seria do que a forma específica de uma energia universal, e deste modo estaria eliminada a pretensão a uma bioenergética, em oposição a uma energética física, sem se reparar no abismo, até agora não preenchido, entre o processo psíquico e o processo vital. Propus que a energia vital, hipoteticamente admitida, fosse chamada libido, tendo em vista o emprego que tencionamos fazer dela em psicologia, diferenciando-a, assim, de um conceito de energia universal e conservando-lhe, por conseqüência, o direito especial de formar seus próprios conceitos. Fazendo isto, não tenho a menor intenção de adiantar-me aos que trabalham no campo da bioenergética, mas tão-somente dizer-lhe com toda franqueza que empreguei o termo "libido" em vista do uso que dele faremos em nosso estudo. Para seu uso, esses estudiosos poderão propor, se o quiserem, os termos "bioenergia" ou "energia vital".

[33] Neste ponto, devo prevenir um possível mal-entendido. Quero dizer que não tenho a mínima intenção de entrar, neste estudo, na discussão da controvertida questão do paralelismo psicofísico e da interação entre corpo e alma. Essas teorias não passam de especulações sobre as possibilidades de uma atuação paralela ou conjunta do corpo e da alma, e tocam precisamente aquele ponto que deixei de lado em meu estudo, ou seja: a questão se o processo energético da psique é paralelo ou

está incluído no processo físico. No meu ponto de vista, quase nada sabemos a este respeito. Como BUSSE[30], creio também que é possível a interação e não encontro nenhum motivo para contrapor a tal possibilidade a hipótese de um paralelismo físico, pois o psicoterapeuta, cujo campo específico de trabalho se situa precisamente na esfera crítica da interação entre corpo e alma, acha que é sumamente provável que o psíquico e o físico não constituam dois processos paralelos entre si, mas dois processos unidos pela interação do corpo e da alma, embora sua natureza específica escape ainda inteiramente, por assim dizer, ao campo de nossa experiência. Discussões exaustivas poderão ser necessárias para o filósofo, mas a um psicólogo empírico é recomendável que se restrinja a materiais empiricamen-te acessíveis. Se até agora não conseguimos englobar o processo energético da psique no processo físico, os que combatem uma tal possibilidade também não conseguiram separar com segurança o processo psíquico do processo físico.

B. A CONSERVAÇÃO DA ENERGIA

[34] Ao nos propormos a tarefa de estudar o processo vital da psique, também assumimos a obrigação de não nos determos apenas nos conceitos, mas de testar também sua aplicabilidade ao material empírico. Um ponto de vista energético torna-se inútil quando seu princípio básico, qual seja o princípio da conservação da energia, mostra-se inaplicável. Neste ponto devemos distinguir entre *princípio de equivalência e princípio de constância*, como o propõe BUSSE. O princípio de equivalência indica "que, para qualquer quantidade de energia utilizada em um ponto qualquer, para se produzir uma determinada condição, surge em outro ponto igual quantidade dessa mesma ou de outra forma de energia". O princípio da constância, pelo contrário, indica "que a energia total permanece sempre igual a si mesma, sendo, por conseguinte, incapaz de aumentar ou de diminuir".[31] O princípio da constância é, por conseguinte, uma decorrência do princípio de equivalência, necessariamente lógica mas, por isto mesmo, praticamente sem importância, porque nossa experiência está inteiramente baseada em sistemas parciais.

[35] Para a tarefa que nos fixamos, o que nos importa de imediato é apenas o princípio da equivalência. Em minha obra sobre as *Transformações e Símbolos da Libido* [*Wandhmgen und Symbole der Libido*][32], mostrei que era possível compreender certos processos evolutivos e outras mudanças semelhantes, sob o princípio de equivalência. Não pretendo repetir aqui, *in extenso*, o que ficou dito na referida obra, mas tão-somente frisar, uma vez mais, que a investigação de FREUD sobre a sexualidade nos oferece valiosas e ricas contribuições para a questão do que aqui nos ocupa. E na relação da sexualidade para com a psique total que se percebe, melhor do que em nenhuma outra, como um *quantum* de libido vem acompanhado imediatamente do aparecimento de um valor correspondente, sob uma forma diversa. Infelizmente a supervalorização, aliás compreensível, da sexualidade, levou FREUD a reduzir inclusive as transformações que correspondem a outras forças específicas e coordenadas da alma à sexualidade, o que lhe valeu a acusação, não imerecida, de pansexualismo. O defeito da concepção de FREUD consiste na unilateralidade para a qual sempre tende o ponto de vista mecanicista-causal, ou seja, na "*reductio ad causam*" simplificadora, que, quanto mais verdadeira, quanto mais simples e mais abrangedora pretende ser, tanto menos justiça faz à importância do aspecto

---

[30] BUSSE, *op. cit.*
[31] BUSSE, *op.cit., p.406s.*
[32] Nova edição: *Symbole der Wandlung* [*Símbolos de Transformação*]. Cf. sobretudo a segunda parte, cap. III [Obras Completas, V].

analisado e reduzido. Quem ler atentamente os escritos de FREUD, não terá dificuldade em perceber o papel significativo que o princípio de equivalência desempenha na gênese de sua concepção. Sente-se isto, de novo, nos seus estudos de casos, onde ele descreve as repressões e a maneira como se opera a formação de seus sucedâneos.[33] Quem atuou pessoalmente, na prática, neste domínio, sabe muito bem que o princípio de equivalência é de imenso valor heurístico também no tratamento das neuroses. Embora nem sempre o aplique de modo consciente, aplica-o, contudo, de modo instintivo; quando um valor consciente qualquer, como, por ex., uma transferência, diminui ou mesmo desaparece, procura-se imediatamente um substituto, na esperança de ver surgir um valor equivalente em outra parte. Não é difícil descobrir o substituto, quando a sua formação resulta em um conteúdo da consciência. Mas dá-se freqüentemente o caso de desaparecer uma certa quantidade de libido, aparentemente sem que se forme um substituto. Em semelhante caso, o substituto é inconsciente ou, como ocorre ordinariamente, o paciente não se dá conta de que a formação do substituto correspondente é um fato de certo modo novo. Mas acontece também que uma quantidade considerável de libido desaparece de tal modo que se tem a impressão de que ela foi tragada inteiramente pelo inconsciente, sem daí surgir uma nova posição de valor. Em semelhante caso, é aconselhável que nos atenhamos rigorosamente ao princípio de equivalência, pois uma cuidadosa observação do paciente poderá constatar, dentro de pouco tempo, que surgem indícios de uma atividade inconsciente, como, por ex., a intensificação de certos sintomas ou o surgimento de um novo sintoma, ou a ocorrência de sonhos especiais ou de fragmentos estranhos e fugidios de fantasia ou outras coisas semelhantes. Entretanto, se a análise consegue levar estes conteúdos ocultos ao plano da consciência, de modo geral é possível mostrar que a quantidade de libido desaparecida da consciência originou um produto, no inconsciente, que, mesmo com suas diferenças, tem não poucos traços em comum com aqueles conteúdos conscientes que perderam sua energia. É quase como se a libido arrastasse consigo certas qualidades para o interior do inconsciente, o que, muitas vezes, é tão evidente que, simplesmente por estas características, é possível identificar de onde provém a libido que ativa o inconsciente, em tal momento.

[36] Existem exemplos convincentes e de conhecimento geral, relativos ao que acabamos de expor: em uma criança que começa a se desligar interiormente de seus pais surgem fantasias de pais-substitutos. Semelhantes fantasias quase sempre são transferidas para pessoas reais. Todavia, transferências desta espécie revelam-se insustentáveis por tempo prolongado, pois o homem que amadurece precisa de assimilar o complexo parental, isto é, a autoridade, o sentido de responsabilidade e a autonomia. Deve tornar-se, ele próprio, também pai ou mãe. Um outro domínio, rico de exemplos atinentes ao mesmo fato, é o da psicologia religiosa cristã. A repressão dos instintos (ou mais propriamente da *instintividade*) conduz à formação de sucedâneos religiosos, ao chamado "amor a Deus", no qual só um cego é incapaz de ver as características sexuais.

[37] Esta reflexão nos leva a uma outra analogia com a teoria da energia física. Como se sabe, a teoria energética conhece não só um *fator de intensidade*, como um *fator de extensidade*. Este último é um aditamento necessário, na prática, ao conceito puro de energia. É ele que nos proporciona a ligação do conceito de pura intensidade com o conceito de "quantidade" (por ex., da quantidade de luz, em contraste com o da intensidade da luz). "... a quantidade ou o fator de extensidade da energia se acha vinculado a uma determinada estrutura (...) e não pode ser transferida para outra estrutura, sem que haja transferência de partes da primeira. O

[33] *Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre*.

fator de intensidade, pelo contrário, pode passar de uma estrutura para outra".[34] É o fator de extensidade que determina o grau de dinamismo da energia presente em um determinado momento no fenômeno.[35]

[38] Existe, pois, também um fator de extensidade psicológica que pode passar para uma nova estrutura, sem que haja transferência de partes ou de características da antiga estrutura à qual se acha vinculado. Chamei a atenção, de modo especial, para esta particularidade da transformação da energia, em um antigo trabalho meu, onde mostrei que a libido não abandona uma estrutura como pura intensidade nem passa para uma outra, de modo completo, mas transfere os caracteres da antiga função para a nova.[36] Esta particularidade é tão evidente que dá motivo inclusive a falsas conclusões, e não somente a falsas teorias, como também a autodecepções de penosas conseqüências. Assim, por ex., a quantidade de libido de uma determinada forma sexual passa para uma outra estrutura, levando consigo as particularidades de sua antiga aplicação. Neste caso, somos facilmente tentados a pensar que o dinamismo da nova estrutura é também de natureza sexual.[37] Ou então a quantidade de libido de uma atividade espiritual se transfere para um interesse essencialmente material. Nestas circunstâncias, o indivíduo crê erroneamente que a nova estrutura é também de natureza espiritual. Esta conclusão é falsa, em princípio, pois só considera a relativa semelhança das duas estruturas, e despreza sua diferença igualmente essencial.

[39] A experiência prática nos ensina, de modo geral, que a atividade psíquica só pode ser substituída de maneira equivalente: assim, um interesse patológico, uma ligação intensa com um sintoma só podem ser substituídos por uma ligação, igualmente intensa, com um outro interesse. E esta é a razão pela qual nunca há substituição da libido, sem este sucedâneo. Se o sucedâneo é de valor energético inferior, imediatamente percebemos que a quantidade parcial de energia deve ser procurada em outra parte: quando não for na consciência, será na formação de fantasias inconscientes ou em um distúrbio das *parties supérieures* [das partes superiores] das funções fisiológicas (para empregarmos uma expressão muito adequada de Janet).

[40] Afora estas experiências práticas, conhecidas desde longa data, também a concepção energética nos ajuda aformar uma outra teoria. De acordo com a concepção causal de FREUD, trata-se sempre das mesmas substâncias imutáveis, a saber, as componentes sexuais, cuja eficácia é apontada pela interpretação, com monótona regularidade, como o próprio Freud observou certa vez. E evidente que o espírito da *reductio ad causam* [redução à causa] ou *in primam figuram* [à primeira figura] jamais conseguirá fazer justiça à idéia de evolução finalista, de tanta importância sob o ponto de vista psicológico, pois qualquer mudança de estado nada mais é do que uma "sublimação" das substâncias básicas e, conseqüentemente, uma expressão inapropriada deste mesmo antigo fato.

---

[34] V. HARTMANN, *Weltanschauung*, p. 5.

[35] A Física de hoje identifica energia com massa. Mas este fato é sem importância para nossos objetivos.

[36] . Cf. *Symbole der Wandlung [Símbolos de Transformação]*, p. 260s [Obras Completas, V],

[37] A redução de uma estrutura complexa à sexualidade e uma explicação causal válida somente se, de antemão, está de acordo que só se pretende explicar a função das componentes sexuais das estruturas complexas. Mas se considerarmos a redução à sexualidade como uma explicação causal válida, só o podemos fazer com a pressuposição tácita de que estamos tratando exclusivamente de uma estrutura sexual. Agir assim, porem, seria afirmar que uma estrutura psíquica complexa só pode ser uma estrutura sexual, o que e uma manifesta *petitio principii!* Também não se pode afirmar que a sexualidade é o único instinto psíquico fundamental; por isso, a explicação causai só pode ser uma explicação parcial, mas nunca uma teoria psicológica satisfatória.

[41] A idéia de evolução só é possível quando o conceito de substância imutável não é hipostasiado pela assim chamada realidade objetiva, isto é, quando a causalidade não é identificada com o comportamento das coisas. Na realidade, a idéia de evolução exige a mutabilidade de substâncias que, energeticamente falando, são sistemas energéticos dotados da capacidade de substituição e permutação, dado o princípio de equivalência e pressuposta evidentemente a possibilidade de uma diferença de potencial. Também aqui, como acontece na consideração da conexão causal e finalista, caímos em uma antinomia insolúvel, devido à projeção da hipótese energética, pois a substância imutável não pode ser, ao mesmo tempo, um sistema energético.[38] Segundo o ponto de vista mecanicista, a energia se acha vinculada à substância, e, por isto, WUNDT fala de uma "energia do psíquico" que aumentou no decorrer do tempo e, em conseqüência, não permite que se apliquem os postulados da energia. Para o ponto de vista energético, ao invés, a energia nada mais é do que a expressão ou o sinal de um sistema energético. Esta antinomia só é insolúvel na medida em que não soubermos que pontos de vista correspondem a atitudes fundamentais que coincidem, obviamente, em certa medida, com as condições do objeto, coincidência esta que permite que os seus pontos de vista possam ser aplicados também no terreno prático. Compreende-se, por isto, que tanto os causalistas como os finalistas se batam desesperadamente pela validez objetiva de seu princípio, uma vez que este é também o princípio que norteia sua atitude pessoal com relação à vida e o mundo e cuja validez condicional ninguém admitiria, sem opor resistência, pois ninguém - a menos que se trate de uma espécie de suicida - gosta de serrar o galho em que está sentado. Mas as antinomias resultantes da projeção dos princípios que se justificam logicamente nos obrigam a uma investigação aprofundada da atitude pessoal própria, investigação esta que é a única maneira de evitar que façamos violência ao outro princípio logicamente justificado. A antinomia deve resolver-se em um *postulado antinômico*, por menos satisfatório que isto possa ser para o concretismo do ser humano e por mais que repugne ao espírito da ciência natural admitir que a assim chamada realidade se caracteriza por unia irracionalidade misteriosa a qual, entretanto, resulta necessariamente do postulado antinômico.[39]

[42] A teoria evolucionista não pode prescindir do ponto de vista finalista, e o próprio DARWIN trabalha com conceitos finalistas, como o da adaptação, etc, conforme frisou muito bem WUNDT. Jamais se conseguirá explicar exaustivamente o fato palpável da diferenciação e da evolução, recorrendo à causalidade, pois elas exigem o ponto de vista finalista que o homem elaborou no decurso de sua evolução, da mesma forma que o causai.

[43] A concepção finalista vê as coisas como meios ordenados a um fim. Um exemplo muito fácil é o da questão da regressão: causalmente, a regressão é condicionada pela "fixação na mãe", por ex. Finalisticamente, entretanto, é a libido que regride à imago da mãe, para aí descobrir as associações da memória através das quais a evolução pode passar de um sistema sexual, por ex., para um sistema espiritual.

[44] A primeira explicação se exaure ao buscar o significado da causa e ignora totalmente o significado finalístico do processo da regressão. Por este modo, o produto cultural é um mero sucedâneo decorrente simplesmente da impossibilidade do incesto. A segunda explicação, porém, nos permite antever tudo o que resultará da regressão e, ao mesmo tempo, compreender o que as imagens da memória, que a libido regressiva reanimou, nos têm a dizer. O causalista considera esta última concepção como naturalmente inacreditável e meramente hipotética, ao passo que

---

[38] Esta afirmação só vale para o âmbito da macrofísica, onde há leis "absolutas".
[39] A este propósito, cf. *Psychologische Typen* [*Tipos Psicológicos*], p. 425s [Obras Completas, VI].

para o finalista a "fixação na mãe" é uma hipótese arbitrária que ele acusa de ignorar inteiramente a finalidade que é a única que poderia ser responsabilizada pela reanimação da imago materna. ADLER, por ex., levantou inúmeras objeções deste gênero contra a teoria de FREUD. Eu próprio procurei fazer justiça aos dois pontos de vista, conquanto não de modo assim explícito, em minha obra *Wandlungen und Symbole der Libido* [*Transformações e Símbolos da Libido*], o que me valeu, de ambas as partes, a acusação de assumir uma atitude pouco clara e duvidosa. Com isto partilho a sorte dos que ficaram neutros durante a guerra e aos quais se negou muitas vezes até mesmo a possibilidade da "bona fides".

[45] Aquilo que para o ponto de vista causal é fato, para o ponto de vista finalista é símbolo, e vice-versa. Tudo o que é real para um ponto de vista é irreal para o outro. Por isto devemos nos contentar com o postulado antinômico e considerar o mundo também como um fenômeno psíquico. Não há dúvida de que a ciência tem necessidade de saber como é o fenômeno "em si", mas a ciência também não pode esquivar as condições psicológicas exigidas para o ato de conhecimento, e a própria Psicologia deve estar atenta de modo particular para estas condições. Como a alma possui também o ponto de vista finalista, procedermos apenas causalmente com respeito aos fenômenos psíquicos é psicologicamente inadmissível e nos levaria à monotonia da conhecida interpretação.

[46] A concepção simbolista das *causae* [causas] que o ponto de vista energético nos proporciona é necessária para a diferenciação da alma. De fato, sem uma concepção simbolista dos fatos, estes seriam substâncias imutáveis que continuam a agir incessantemente, como se dá, por ex., na teoria freudiana dos traumas. A causa não possibilita uma evolução. Para a alma, a *reductio ad causam* [redução à causa] é o contrário da evolução: ela vincula a libido aos fatos elementares. Do ponto de vista do racionalismo, é a única coisa boa, ao passo que do ponto de vista da alma é algo sem vida e tédio exasperante. Com isto não pretendemos naturalmente negar que a ligação da libido aos fatos elementares seja absolutamente necessária. Uma vez, porém, satisfeita esta exigência, a alma não pode ficar parada neste estágio, mas deve evoluir, convertendo-se as causae, para ela, em meios ordenados a um fim, er i expressões simbólicas de um caminho a ser percorrido. Deste modo, desaparece o significado exclusivamente causai e, por via de conseqüência, também o seu valor energético, para reaparecer sob o símbolo, cuja força de atração representa a quantidade correspondente de libido. Nunca se pode abolir o valor de uma causa, fixando-lhe um fim arbitrário e racional. Tal procedimento será sempre um expediente de emergência.

[47] Não pode haver evolução apenas com intenção e vontade. É preciso que haja também o símbolo atrativo, cuja quantidade de valor supere o da causa. Também não pode haver formação do símbolo, sem que a alma se detenha, por um tempo bastante prolongado, nos fatos elementares, isto é: até que a necessidade interior ou exterior do processo vital produza uma transformação na energia. Se o homem vivesse de modo meramente instintivo e automático, as transformações poderiam dar-se segundo leis meramente biológicas. Vemos alguma coisa deste gênero ainda na vida psíquica dos primitivos que é, ao mesmo tempo, totalmente concretista e totalmente simbolista. No homem civilizado, o racionalismo da consciência, tão útil sob outros aspectos, revela-se um empecilho para a transformação pacífica da energia, pois que a *ratio* [razão] se coloca, sempre e exclusivamente, de um ou de outro lado, com o fim de evitar sua intolerável antinomia; aferra-se convulsiva-mente aos valores por ela uma vez escolhidos, e isto na medida em que a realidade da razão humana é considerada como "substância imutável", excluindo-se, conseqüentemente, a sua concepção simbolista. Mas a *ratio* [a razão] é apenas relativa e anula-se em suas próprias antinomias. Também ela é

apenas meio em ordem a um fim, uma expressão simbólica de uma etapa transitória do desenvolvimento.

C. A ENTROPIA

[48] O princípio de equivalência é uma proposição da teoria energética de grande valor prático. A outra proposição necessária e complementar é o principio da entropia. As transformações da energia só são possíveis graças às diferenças de intensidade, presentes no interior de um sistema. Segundo o princípio de Carnot, o calor só pode transformar-se em trabalho quando passa de um corpo mais quente para um corpo mais frio. Mas o trabalho mecânico converte-se constantemente em calor, que não pode voltar a se converter em trabalho, em virtude de sua intensidade mais baixa. Deste modo, um sistema energético fechado tende pouco a pouco a reduzir suas diferenças de intensidade a uma temperatura constante, o que exclui qualquer modificação posterior. E o que se chama a morte térmica.

[49] O princípio da entropia só nos é conhecido como princípio, na experiência, a partir de processos parciais que constituem um sistema relativamente fechado. A psique pode ser considerada também como um destes sistemas relativamente fechados. As transformações de sua energia também nos levam a um processo de nivelamento entre as diferenças que, no dizer de BOLTZMANN[40], passam de um estado improvável a um estado provável. Isto, entretanto, reduz cada vez mais a possibilidade de uma modificação posterior. Observamos este processo, por ex., no desenvolvimento de uma atitude permanente e relativamente inalterável. Depois de oscilações inicialmente violentas, os opostos tendem a equilibrar-se e surge pouco a pouco uma nova atitude cuja estabilidade subseqüente será tanto maior, quanto mais acentuadas tiverem sido as diferenças iniciais. E quanto mais forte for a tensão entre os opostos tanto maior será a quantidade de energia daí resultante, e quanto maior for esta energia, tanto mais intensa será a força de atração consteladora. A uma atração mais forte corresponde uma amplidão maior do material constelado, e quanto mais extensa for essa amplidão, tanto mais reduzida se torna a possibilidade de distúrbios posteriores que não podem originar-se de diferenças relativas ao material não constelado precedentemente. Esta é a razão pela qual a atitude resultante de um nivelamento é particularmente duradoura.

[50] A experiência psicológica de todos os dias nos dá abundantes provas da justeza desta afirmação: os conflitos mais penosos, quando superados, deixam na sua esteira uma segurança e uma paz ou então um destroçamento que será difícil de modificar ou difícil curar, e inversamente: serão necessários precisamente contrastes fortíssimos e sua conflagração, para que se produzam resultados valiosos e duradouros. Como nossa experiência só atinge sistemas relativamente fechados, nunca nos encontraremos em condições de observar diretamente uma entropia psicológica absoluta. Entretanto, quanto mais fechado é um sistema, tanto mais claramente se manifesta o fenômeno da entropia.[41] Observamos isto, de modo particular, nos distúrbios mentais que se caracterizam por bloqueios intensos ao meio ambiente. O chamado "embotamento dos afetos" na *dementia praecox* [demência precoce] ou esquizofrenia pode ser considerado como um fenômeno da entropia. O mesmo vale para os denominados fenômenos de degenerescência que se desenvolvem em atitudes psicológicas que excluem permanentemente qualquer ligação com o mundo ambiente. Sistemas psicológicos relativamente fechados desta espécie são também os processos voluntariamente dirigidos, tais como o pensamento dirigido e os

---

[40] 40. BOLTZMANN, *Populäre Schriften*, p. 34.

[41] Um sistema é absolutamente fechado, quando não pode ser mais alimentado com energia de fora. Só neste caso é possível haver entropia.

sentimentos dirigidos. Estas funções se apóiam no princípio da exclusão do inapropriado que poderia ocasionar um desvio na direção escolhida. Os elementos "pertinentes" são deixados ao processo de mútuo nivelamento e protegidos da influência perturbadora de fatores externos. Assim, depois de certo tempo, eles atingem seu estado provável cuja estabilidade aparece, por ex., num conceito "firme" ou num ponto de vista "enraizado". Quem tenta desfazer essas estruturas, bem como eliminar um preconceito ou mudar uma maneira de sentir, poderá avaliar como tais coisas são estáveis. Na história dos povos tais mudanças têm custado até mesmo rios de sangue. Como porém o fechamento absoluto é impossível (com exceção talvez dos casos patológicos), o processo energético continua também como evolução, em virtude da "perda por fricção", com redução da intensidade e com decréscimo do potencial.

[51] Esta maneira de considerar as coisas é conhecida desde muito tempo. Todo mundo fala das "tempestades da juventude" que dão lugar à "bonança da velhice". Fala-se de "convicções firmadas" depois das "lutas da dúvida", do "equilíbrio das tensões interiores", etc. Trata-se do ponto de vista energético espontâneo assumido por todos. Para o psicólogo científico esta maneira de considerar é destituída de valor, na medida em que se mostra incapaz de perceber a necessidade de aquilatar os valores psicológicos. Este problema não se coloca para a psicologia fisiológica, pois ela se ocupa com os aspectos fisiológicos da psicologia, como o seu próprio nome está a indicar. A Psiquiatria, como se sabe, é puramente descritiva, ao contrário da Psicologia, e até pouco tempo não se preocupava com a causalidade psicológica, e até mesmo a negava. A Psicologia Analítica é que foi obrigada a levar em conta o ponto de vista energético, pois a colocação causal-mecanicista da Psicanálise de Freud não é suficiente para fazer justiça à realidade dos *valores* psicológicos. O valor requer, para sua explicação, um conceito quantitativo, pois um conceito qualitativo como o da sexualidade, por ex., jamais poderá substituí-lo. Um conceito qualitativo, pelo contrário, designa sempre uma relação de intensidade e jamais uma substância ou um objeto. Um conceito qualitativo que não designe uma substância ou coisa ou um fato é uma exceção mais ou menos arbitrária, e a este devo acrescentar o conceito qualitativo e hipostasiado de energia. A explicação causalista da ciência de vez em quando precisa de semelhantes hipóteses, as quais, entretanto, não devem ser adotadas para tornarem desnecessário um ponto de vista energético. E, inversamente, o mesmo se aplica à teoria energética que, por vezes, revela a tendência de negar a substância e, conseqüentemente, tornar-se puramente teleológica ou finalista. Um conceito qualitativo usado para significar a energia seria inadmissível, pois seria uma especificação da energia que é, precisamente, uma força. Em Biologia isto seria vitalismo, em Psicologia seria sexualismo (FREUD), ou outro "ismo", enquanto que seria preciso demonstrar que os pesquisadores reduzem a energética da psique total a uma determinada força ou a um impulso. Os impulsos, porém, já o dissemos, são formas específicas. A energia coloca-se acima deles, como um conceito de relação, e outra coisa não pretende fazer, senão exprimir as relações de valores psicológicos.

D. ENERGISMO E DINAMISMO

[52] O que dissemos até aqui sobre a energia se refere a um conceito *puro* de energia. A energia é, de um lado, uma forma de percepção imediata, dada *a priori,*[42]

---

[42] Por isso a idéia é tão antiga quanto a humanidade. Nós a encontramos já nas concepções fundamentais dos primitivos. Cf. F.R. LEHMANN, *Mana,* e minhas observações em: *Über die Psychologie des Unbewussten [Psicologia do Inconsciente,* Petrópolis, Vozes, 1978, Obras Completas, VII]. HUBERT ET MAUSS *(Mélanges d'histoire des religions,* préface, p. XXIXs) consideram o mana também como uma categoria da razão. Cito suas palavras literal-

como o seu correlato, o conceito de tempo, mas, de outro lado, é um conceito concreto, aplicado ou empírico, extraído da experiência, como todos os conceitos científicos explicativos.[43] O conceito aplicado de energia concerne sempre ao comportamento das forças, das substâncias em movimento, pois a energia só é acessível à experiência precisamente mediante a observação direta do comportamento das substâncias em movimento. Por isso é que, na prática, falamos de energia elétrica, etc, ou seja, como se a energia fosse sempre uma força bem definida. Desta mistura entre o conceito empírico ou aplicado e a forma concreta de conceber o fato é que resulta aquela confusão constante entre "energia" e "força". Semelhantemente, o conceito psicológico de energia não é um conceito puro, mas concreto e aplicado, que se contrapõe à nossa concepção como "energia" sexual, vital, espiritual, moral, etc; por outras palavras: sob a forma de impulso, cuja natureza dinâmica e inegável nos autoriza a uma semelhança conceituai com as forças físicas.

[53] A aplicação do conceito puro aos dados da experiência leva neces- 53 sariamente a uma concretização ou visualização do conceito, pelo que se tem a impressão de que o conceito produz também uma substância. E o que acontece, por ex., com o conceito de éter que, embora seja um mero conceito, foi tratado como uma substância concreta. Esta confusão é inevitável, porque somos incapazes de imaginar concretamente o que seja um quantum, a menos que se trate do quantum de alguma coisa. E esta alguma coisa é a substância. Por isto é que hipostasiamos inevitavelmente qualquer conceito aplicado, mesmo contra nossa vontade, e a este respeito não podemos perder de vista que operamos com um mero conceito.

[54] Propus que o conceito de energia, por nós utilizado em Psicologia Analítica, fosse designado pelo termo "libido". A escolha pode não ser ideal, sob certos aspectos, mas me parece que este conceito merece a designação de "libido", por razões de justiça histórica. Na realidade, FREUD foi quem primeiro observou e expôs, de maneira coerente, determinadas relações psicológicas, servindo-se, então, do termo conveniente de "libido", embora acompanhado de uma definição, em correspondência com seu ponto de partida que era o da sexualidade. Além de "libido", FREUD emprega também as expressões "instinto" ("instinto do eu") e "energia psíquica" (como, por ex., na *Interpretação dos Sonhos*). Como FREUD se limita exclusivamente, por assim dizer, à sexualidade, para o fim a que ele se propunha era suficiente a definição sexual da energia como uma força instintiva específica. Quanto a uma teoria psicológica em geral, pelo contrário, é impossível recorrer a apenas uma energia sexual, isto é, a um instinto específico como conceito explicativo, porque a transformação da energia psíquica não é uma dinâmica meramente sexual. A dinâmica sexual é apenas um caso particular da totalidade da psique. Com isto não se lhe nega a existência, mas se lhe atribui o justo lugar.

[55] Como o conceito aplicado de energia logo se hipostasia nas forças (os instintos, os afetos e outros processos dinâmicos), o seu caráter concreto pode ser expresso

---

mente: "Constamment presentes dans le languagc, sans qu'elles y soient de toute necessite explicites, [les catégories] existent d'ordinaire plutôt sous la forme d'habitudes directrices de la conscience, elles-mêmes inconscientes. La notion de *mana* est un de ces príncipes: dic est don-nec dans le langagc; elle est implicite dans toute une série de jugements et de raisonnements, portant sur des attributs qui sont ecux du mana, nous avons dit que lc mana est une categoric. Mais le mana n'est pas seulement une categoric, spèciale à la pensce primitive, et aujourd'hui, em voíe de réduetion, c'est encore la forme premicre qu'ont revetue d'autres catégories qui fonetionnement toujours dans nos esprits: celles de substance et de cause". ["Constantemente presentes na linguagem, embora não necessariamente explícitas nela (as categorias), de modo ordinário se manifestam sob a forma de hábitos que governam a consciência, também eles inconscientes. A noção de *mana* é um destes princípios; é um dado da linguagem, implícito em toda uma série de julgamentos e raciocínios referentes a atributos que são aqueles do mana. Dissemos que o mana é uma categoria, mas não é apenas uma categoria peculiar do pensamento primitivo, e hoje em dia, cm vias de redução, ainda é a forma primeira assumida por outras categorias que funcionam sempre em nossos espíritos: as categorias de substâncias e de causa"].

[43] Para quem deseja maiores detalhes sobre este ponto, remeto a *Psychologische Typen [Tipos Psicológicos]*, p. 436s c 630s [Obras Completas, VI].

adequadamente, a meu ver, pelo vocábulo "libido", pois concepções semelhantes se utilizaram de denominações parecidas, desde tempos remotos, tais como a "vontade" de SCHOPENHAUER, a □□μ□ de ARISTÓTELES, o "eros" de PLATÃO, o "amor e o ódio dos elementos" de EMPÉDOCLES ou o *élan* vital de BERGSON. Destes conceitos só tomei o caráter concreto da denominação, não porém a definição do conceito. A omissão de uma explicação detalhada sobre este ponto, em minha antiga obra, foi a responsável por muitos mal-entendidos, tais como a acusação quase generalizada de haver construído uma espécie de conceito vitalista.

[56] Não associo à palavra "libido" nenhuma definição[44], como já disse; isto, porém, não significa que eu negue a existência de uma dinâmica sexual, bem como a de qualquer outra dinâmica, como, por ex., a do impulso da fome. Já em 1912 eu chamava a atenção para o fato de que um instinto vital geral, denominado "libido", substitui o conceito de "energia psíquica" que empreguei em *Psychologie der Dementia praecox* [*Psicologia da Demência Precoce*]. Nessa obra cometi o pecado mortal de expor o conceito em sua concretitude psicológica, não levando em conta sua metafísica, que agora estamos discutindo. Mas, ao deixar o conceito de libido em toda a sua concretitude, eu o tratei também como se tivesse sido hipostasiado. Por isso carrego a culpa de ter dado ocasião a mal-entendidos. Foi este o motivo pelo qual, em minha obra posterior: *Darstellung der psychoanalytischen Theorie* [*Exposição da Teoria Psicanalitica*], de 1913, declarei expressamente "que a libido com a qual operamos é não apenas não-concreta ou desconhecida, senão uma incógnita absoluta, uma pura hipótese, uma imagem ou um contador, tão intangível como a energia do mundo das concepções físicas".[45] A libido, portanto, é apenas uma expressão abreviada para significar o "ponto de vista energético". Na descrição concreta, jamais conseguiremos operar com conceitos puros, a menos que nos seja possível expressar matematicamente o fenômeno. Enquanto isto, porém, não for viável, na observação o conceito aplicado tenderá sempre a se constituir automaticamente em hipóstase por meio do material da experiência.

[57] Há ainda a recordar um outro ponto obscuro, vinculado ao uso concreto dos conceitos de libido e de energia em geral. Trata-se da confusão, inevitável no âmbito da experiência prática, entre a energia e a noção causal de efeito, que é uma noção dinâmica e não energética.

[58] A concepção causal-mecanicista vê a seqüência dos fatos da seguinte maneira: *a* causa *b*, *b* causa *c*, e assim por diante. Aqui, a noção é uma designação qualitativa e, por conseguinte, uma *virtus* [força] da causa ou, em outros termos, um dinamismo. A concepção energético-finalista, pelo contrário, vê a referida série da seguinte maneira: *a-b-c* são instrumentos das transformações energéticas que fluem causalmente de *a*, o estado improvável, para o estado provável, passando entropicamente por *b-c*. Aqui abstrai-se, por inteiro, de um efeito causal, considerando-se apenas as intensidades dos efeitos. Como as intensidades são as mesmas, podemos substituir *a-b-c-d* por *w-x-y-z*.

[59] Em ambos os casos, a seqüência *a-b-c-d* é constituída pelos dados da experiência, mas com a diferença de que a concepção mecanicista deduz um dinamismo do efeito causal observado, ao passo que a concepção energética considera a equivalência do efeito transformado, em vez do efeito causai. Quer dizer: ambas as concepções consideram a seqüência *a-b-c-d*: uma, porém, qualitativamente e a outra, quantitativamente. A consideração causal abstrai o conceito dinâmico dos dados da experiência, ao passo que a consideração finalista emprega o seu conceito

---

[44] A palavra latina libido não tem, absolutamente, um sentido exclusivamente sexual, mas o significado de apetite, desejo, anelo, anseio, impulso. Para uma documentação detalhada sobre este ponto, veja-se *Wandlungen und Symbole der Libido*, p. 119 (nova edição: *Symbole der Wandlung*, p. 213s) [Obras Completas, V].

[45] Cf. *Versuch einer Darstellung der psychoanalytischen Theorie*, p. 54s [Obras Completas, IV].

puro de energia no âmbito da observação concreta, transformando-o, por assim dizer, em um dinamismo. Apesar de suas diferenças epistemológicas, tão absolutas quanto se desejar possa, os dois pontos de vista são inevitáveis na conceituação de força; quando a visão causal abstrai a percepção pura da *qualitas* [qualidade] operativa, transformando-a em conceito de dinamismo, e quando a visão finalista confere um caráter concreto ao seu conceito puro mediante a aplicação. Por esta razão, o mecanicista fala de uma "energia do psíquico", ao passo que o energista fala de "energia psíquica". Do que acabamos de dizer parece-me ressaltar, com evidência, que um só e mesmo processo assume, de cada vez, aspectos totalmente diversos, de acordo com os diferentes pontos de vista sob os quais é considerado.

CAPÍTULO 3
OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA LIBIDO

A. PROGRESSÃO E REGRESSÃO

[60] Por certo, um dos fenômenos energéticos mais importantes da vida psíquica são a progressão e a regressão da libido. A progressão pode ser entendida, primeiramente, como um avançar incessante do processo quotidiano de adaptação psicológica. A adaptação, como se sabe, nunca se pode dar por encerrada de uma vez por todas, embora sejamos tentados a acreditá-lo, confundindo a atitude que se atinge, em determinado momento, com a adaptação verdadeira. Só podemos satisfazer as exigências de adaptação, mediante uma atitude adequadamente dirigida. O trabalho de adaptação se processa, por conseguinte, em duas etapas, a saber: 1) consecução da atitude; 2) realização da adaptação mediante a atitude. A atitude em face da realidade é algo de extraordinariamente persistente, mas, por mais persistente que seja o hábito mental, menos duradouro é o seu efetivo trabalho de adaptação. Isto é conseqüência da mudança constante do meio ambiente e da nova adaptação determinada por esta mudança.

[61] Poder-se-ia pensar, então, que a progressão consiste em satisfazer continuamente as exigências das condições do mundo ambiente. Como só se consegue este resultado por meio de uma atitude que, enquanto tal, é necessariamente dirigida e por isto implica uma certa unilateralidade, facilmente pode dar-se o caso de que a atitude já não seja capaz de satisfazer as exigências da adaptação, por ter havido mudanças nas condições externas que reclamam uma atitude diferente da anterior. Assim, a atitude afetiva que procura atender às exigências de realidade, mediante uma empatia, pode deparar facilmente com uma condição que só pode ser satisfeita por meio de uma atitude pensativa, isto é, por uma apreensão prévia pelo pensamento. Neste caso, entra em colapso a atitude afetiva. Com isso cessa tambem a progressão da libido. Desaparece igualmente o sentimento vital até então existente e, em seu lugar, cresce incomodamente o valor psíquico de certos conteúdos conscientes, irrompem certos conteúdos e reações, e a situação carrega-se de afetos e tende a explosões. Estes sintomas indicam que há um *represamento da libido*. A situação de represamento se caracteriza pela *separação dos pares de opostos*. Os pares de opostos permanecem unidos durante os processos psicológicos, enquanto dura a progressão da libido. Sua atuação comum torna possível a regularidade equilibrada do processo que, sem a sua polaridade, tornar-se-ia unilateral e ilógico. É por isso que estamos autorizados a considerar todas as extravagâncias e comportamentos exagerados como perda de equilíbrio, por faltar aí, obviamente, a ação coordenadora do impulso contrário. Um dos componentes do progresso, o qual resulta de um bem-sucedido trabalho de adaptação, é que o impulso e seu contra-impulso, o positivo e o negativo, cheguem a uma interação e a uma influência recíproca regulares. Encontramos este equilíbrio e esta unificação dos opostos, por ex., no processo de reflexão diante de uma decisão difícil a tomar. No represamento da libido, onde se tornou impossível a progressão, o positivo e o negativo não podem mais se unir para um ato coordenado, porque tanto um como o outro atingiram o mesmo valor, contrabalanceando-se entre si. Quanto mais longo for o represamento, tanto mais elevado será o valor das posições contrárias que, por isto mesmo, se enriquecem com associações, e tanto maior será a extensão dos materiais que elas

abrangerão. A tensão gera o conflito; o conflito, por sua vez, leva à tentativa de repressão mútua, e quando a repressão das partes contrárias dá resultado, surgem a dissociação, a "cisão da personalidade", a desunião consigo próprio, criando-se, assim, a possibilidade para a neurose. Os atos resultantes desta situação são descoordenados ou patológicos, e têm a aparência de atos sintomáticos. Embora sejam até certo ponto normais, decorrem, aliás, de um oposto reprimido, o qual, em vez de atuar como fator de equilíbrio, produz o efeito oposto, impedindo assim um progresso posterior.

[62] A luta entre os opostos continuaria de maneira estéril se a irrupção do conflito não desencadeasse o processo de regressão, ou seja, o movimento retrógrado da libido. A colisão dos opostos produz uma depreciação gradual dos opostos. A perda dos valores aumenta de maneira constante, e é o único fato que a consciência percebe. Esta perda é sinônima de regressão. Ou em outros termos: à proporção que a perda de valores dos opostos conscientes aumenta, cresce também o valor de todos os processos psíquicos que não são considerados quando se trata da adaptação, e é por isso que estes valores só raras vezes, ou mesmo nunca, são utilizados de maneira consciente. Nestes elementos psíquicos que nunca são levados em linha de conta quanto ao processo de adaptação ao mundo ambiente, trata-se, antes de tudo, na sua maior parte, de fatores inconscientes. O valor dos elementos subliminares e do inconsciente aumenta, portanto, e, em conseqüência, é de esperar que eles passem a influenciar a consciência. Inicialmente, os valores inconscientes só se manifestam indiretamente, por causa da inibição que a consciência exerce sobre o inconsciente. A inibição a que estes valores se acham submetidos resulta do fato de os conteúdos da consciência estarem orientados numa única direção. (A inibição é idêntica àquilo que FREUD chama "censura".) A manifestação indireta do inconsciente se dá sob a forma de perturbação do fluxo da consciência, e no experimento das associações ocorre sob a forma de indicadores de complexo; noutros casos, se dá sob a forma de atos sintomáticos, que FREUD foi o primeiro a descrever, e, nos estados neuróticos, sob a forma de sintomas.

[63] Como a regressão aumenta o valor dos conteúdos anteriormente excluídos do processo de adaptação consciente - razão pela qual na maioria das vezes são "obscuramente conscientes" ou mesmo inteiramente inconscientes -, os elementos psíquicos são forçados a ultrapassar o limiar da consciência, fatores estes que são reconhecidamente sem utilidade para a adaptação; por isto mesmo, foram mantidos constantemente afastados da função psíquica dirigida. Os escritos de FREUD dão a conhecer, com abundância de informações, em que consistem essencialmente estes conteúdos. Trata-se de conteúdos e tendências de cunho não somente sexual e infantil, mas simplesmente incompatíveis, em parte imorais e em parte inestéticos e irracionais ou imaginários. Este aspecto obviamente de valor inferior, com relação à adaptação, deu origem ao julgamento depreciativo a respeito do fundo da psique humana, encontradiço nos escritos psicanalíticos.[46] Numa avaliação superficial parece-nos que se trata daquele limo que jaz nas profundezas da psique e que a regressão traz à tona. Mas se não ficarmos na observação e consideração superficiais dos materiais vindos à luz, e se nos abstivermos de julgar pelas aparências, baseados apenas em um dogma preconcebido, descobriremos que não se deve ver aí somente restos incompatíveis e, portanto, rejeitados da vida ordinária ou tendências primevas desagradáveis e censuráveis do homem animal, mas que aí também se encontram os

---

[46]Um pouco à maneira do velho Hudibras cuja opinião KANT *(Traüme eines Geistersehers,* 3ª parte) menciona: "Se um vento hipocondríaco ruge nos intestinos, a situação depende da direção que ele tomar: se se encaminha para baixo, torna-se um enfarto, mas se toma uma direção ascendente, trata-se de uma revelação ou uma inspiração divina".

germes de novas possibilidades de vida.[47] Um dos grandes valores da Psicanálise consiste em que ela expõe à luz também os conteúdos incompatíveis, o que constituiria um empreendimento de todo reprovável, e mesmo sem utilidade, não houvesse justamente nos conteúdos reprimidos a possibilidade de renovação da vida. Que assim é, e que assim deve ser, sabemo-lo não só por uma abundante experiência prática, como podemos deduzi-lo também a partir das seguintes considerações:

[64] O processo de adaptação requer uma função consciente dirigida e caracterizada pela consistência interna e pela coerência lógica. Como sabemos, por ser dirigida, a função que não se presta a este fim cai sob o domínio da inibição e, por isto mesmo, escapa à nossa atenção. Ensina-nos a experiência que a função de adaptação consciente e dirigida é *exclusiva*, pois, se eu me oriento pelo *pensamento*, não posso me orientar, ao mesmo tempo, pelo *sentimento*, porque o pensamento e o sentimento são duas funções inteiramente distintas. Para que possa atender às leis lógicas do pensamento, devo excluir cuidadosamente até mesmo o sentimento, a fim de não perturbar o processo do pensamento. Neste caso, subtraio a libido ao processo do sentimento, o máximo possível, o que faz com que esta função se torne relativamente inconsciente. De novo ensina-nos a experiência que a atitude é amplamente habitual e, por este motivo, as outras funções não são adequadas, dado que são incompatíveis com a posição prevalente, relativamente inconscientes e, por conseguinte, não são exercitadas, não são diferenciadas, e necessariamente associadas, por coexistência, aos demais conteúdos do inconsciente cuja natureza inferior e incompatível assinalei anteriormente. Isto faz com que estas funções, ao serem ativadas pela regressão, atingindo assim a consciência, apareçam em uma forma por assim dizer incompatível e um tanto deformada e coberta do limo das profundezas.

[65] Se nos recordarmos agora de que a causa do represamento da libido era o malogro da atitude consciente, compreenderemos que germes valiosos são ativados pela regressão: eles contêm, com efeito, os elementos necessários para aquela outra função excluída pela atitude consciente e que estaria capacitada para complementar ou substituir eficazmente a atitude consciente que não produz resultado. Se o pensamento falha como função de adaptação, por se tratar de uma situação à qual só podemos nos adaptar pela empatia, o material inconsciente ativado pela regressão encerra precisamente a função do sentimento que falta, embora ainda numa forma embrionária ou mesmo arcaica, não desenvolvida. De modo semelhante, no tipo oposto, a regressão ativará no inconsciente uma função do pensamento que compensa eficazmente o sentimento que não produz efeito.

[66] Ao ativar um fator inconsciente, a regressão confronta a consciência com o problema da psique, diferente do problema da adaptação exterior. É natural que a consciência resista em aceitar os conteúdos regressivos, embora seja, afinal, obrigada a se submeter aos valores regressivos, por ser impossível a progressão, ou dito em outros termos: a regressão conduz à necessidade de adaptação à alma, à adaptação ao mundo interior da psique.

[67] Mas, assim como a adaptação ao mundo ambiente pode falhar, por causa do caráter unilateral da função de adaptação, assim também a adaptação ao mundo interior pode falhar por causa do caráter unilateral da função que dela se ocupa. Se o represamento da libido é ocasionado pelo malogro da atitude pensativa diante das exigências externas da adaptação, e se a regressão põe em atividade a função do sentimento, num primeiro momento só existe uma única possibilidade, que é a de

[47]A saturação profissional com irrealidades neuróticas torna o medico cético. Um julgamento generalizado sob o ângulo patológico tem a desvantagem de ser sempre falso.

entrar em empatia com o mundo interior. Para começo, isto talvez seja suficiente, mas, em continuidade, a empatia não será suficiente. Pelo contrário, haverá necessidade de apelar para a função do pensamento, exatamente como foi preciso o procedimento inverso para com o mundo exterior. Daí tornar-se necessário uma orientação completa no sentido do mundo interior, ou seja, efetivamente, até que se efetue a adaptação interior. Efetuada a adaptação, pode recomeçar a progressão.

[68] O princípio da progressão e da regressão está retratado no mito do dragão-baleia[48], descrito por FROBENIUS, como mostrei largamente em meu livro *Wandlungen und Symbole der Libido* [Transformações e Símbolos da Libido']. O herói é o representante simbólico do movimento da libido. A entrada no ventre do dragão representa a direção regressiva. A viagem ao Oriente (a travessia noturna do mar) e os eventos que ocorrem nesta ocasião simbolizam o trabalho e o esforço de adaptação às condições do mundo interior da psique. A circunstância de o herói ser devorado e desaparecer inteiramente no ventre do dragão significa o alheamento completo da atitude com relação ao mundo exterior. O ato de dominar o monstro a partir de dentro representa o esforço de adaptação às condições do mundo interior. A saída do corpo do animal (o ato de escapulir-se) com a ajuda de um pássaro, que é igualmente um nascer do Sol, expressa o reinicio da progressão.

[69] Caraterístico é que, enquanto o herói permanece engolido, o monstro enceta a travessia noturna pelo mar *em direção ao Oriente*, isto é, em direção ao nascer do Sol. Isto parece indicar, a meu ver, que a regressão não é necessariamente um retrocesso, na acepção de uma *involução* ou *degradação*. Representa, pelo contrário, uma fase da evolução, onde falta, porém, ao homem a consciência de uma evolução, visto que ele se acha em uma situação compulsiva tal, que nos dá a impressão de que se encontra em estado infantil primitivo ou mesmo embrional, no seio materno. Só se pode falar de involução ou degradação quando o homem permanece neste estado.

[70] Também não se deve confundir *progressão* com *evolução*, pois o fluxo ou a corrente contínua da vida não é necessariamente um evoluir ou um diferenciar-se, visto como certas espécies animais e vegetais permaneceram por assim dizer no mesmo estágio de diferenciação, desde as mais recuadas épocas, e, no entanto, continuam a viver. Assim também a vida psíquica do homem pode ser progressiva sem evoluir, e regressiva sem involuir. Na verdade a evolução e a involução nada têm a ver com a progressão e a regressão, pois a progressão e a regressão, a rigor, não são mais do que movimentos vitais que, apesar da sua mobilidade, são estacionários. A regressão e a progressão correspondem àquilo que GOETHE belamente chamou de sístole e diástole.[49]

[71] Já se levantaram muitas objeções contra esta concepção do mito, ou seja, a de que ele simboliza fatos psicológicos. Como se sabe, temos dificuldade de abrir mão da idéia de que o mito é, de certo modo, uma alegoria explicativa de processos astronômicos, meteorológicos e vegetativos. Dificilmente há quem negue a coexistência de tensões explicativas, porque temos provas convincentes de que o mito

---

[48] FROBENIUS, *Das Zeitalter des Sonnengottes*.

[49] A diástole é uma extroversão que se difunde através do universo inteiro. A sístole é sua contração sobre o indivíduo, a mônada."... a sístole, a contração consciente c poderosa, que gera o indivíduo, e diástole, o anseio que se expande abrangendo o universo" (CHAMBERLAIN, Goethe, p. 571). Permanecer em uma dessas duas atitudes significa a morte (1. cit.), por isto o tipo é insuficiente e necessita de ser complementado pela função oposta. "Se, porem, uma pessoa se comporta de maneira exclusivamente receptiva, a diástole se prolonga indefinidamente é, neste caso, tanto em sua vida corporal como em sua vida psíquica se introduz a paralisia c por fim a morte. Só a ação pode "vivificar"; sua primeira condição e a limitação, isto é, a sístole que produz uma medida firmemente delimitada. Quanto mais enérgico é o ato, tanto mais resoluta deve ser a limitação" (op. cit., p. 581).

possui também um sentido explicativo, embora isto não seja a resposta à pergunta por que o mito explica as coisas de maneira assim alegorizante. Essencial é que se compreenda de onde é que o mito extrai este material explicativo. Além disto, convém não esquecer que a necessidade de explicação causal por parte do homem primitivo não é tão grande como a nossa. Ele ainda está, por assim dizer, bem pouco interessado em explicar as coisas, e mais em fabular. Podemos constatar quase diariamente, entre nossos pacientes, de que modo surgem as fantasias míticas; elas não são inventadas, mas se apresentam como imagens ou cadeias de idéias que irrompem do inconsciente, e se fossem contadas, teriam, não poucas vezes, o caráter conexo de episódios com valor igual ao das representações míticas. É desta forma que surgem os mitos, e daí é que as fantasias provindas também do inconsciente possuem tantos pontos em comum com os mitos primitivos. Como o mito outra coisa não é do que uma projeção do inconsciente (e nunca uma invenção consciente), não somente se compreende que nos deparamos por toda parte com semelhantes mitos, como também que o mito representa fenômenos psíquicos característicos.

[72] Devemos agora responder à questão em que sentido se deve entender, energeticamente falando, o processo de progressão e de regressão. Resulta, com toda evidência, que na progressão e regressão da libido se trata de processos dinâmicos. A progressão pode ser comparada a um curso de água que desce da montanha para o vale. O represamento corresponde a um obstáculo específico na direção da corrente, como, por ex., um dique, que transforma a energia cinética da corrente na energia potencial de posição. Com o represamento, a água é forçada a tomar um outro rumo quando, em conseqüência da obstrução, atinge uma altura que lhe permite transbordar em um ponto qualquer. Talvez corra por um canal que a conduz a uma turbina onde se transforma em eletricidade. Esta transformação poderia ser considerada como a imagem da nova progressão produzida pelo represamento e pela repressão, cujo caráter modificado - diferente do anterior - consiste em que a energia se manifesta agora sob uma forma nova. Neste processo de transformação, o princípio da equivalência é de valor heurístico considerável. *A intensidade da progressão volta a aparecer na intensidade da regressão.*

[73] A natureza do ponto de vista energético não postula que haja necessariamente progressão e regressão da libido, mas tão-somente que haja transformações equivalentes, pois a energética só vê a quantidade, mas nunca se preocupa em explicar a qualidade. Assim, a progressão e a regressão são processos específicos que devem ser considerados como processos dinâmicos e, como tais, são condicionados pelas qualidades da substância. A progressão e a regressão nunca podem ser derivadas da natureza do conceito de energia, mas só podem ser compreendidas energeticamente em suas relações mútuas. Só é possível compreender por que existe progressão e regressão, partindo das qualidades da substância, ou seja, portanto, do ponto de vista mecanicista-causal.

[74] A progressão enquanto processo contínuo de adaptação às condições do mundo ambiente assenta na necessidade vital de adaptação. A necessidade compele o indivíduo a se orientar inteiramente para as condições do mundo ambiente e a reprimir aquelas tendências e virtualidades que servem ao processo de individuação.

[75] A regressão, ao invés, enquanto adaptação às condições do próprio mundo interior, assenta na necessidade vital de satisfazer as exigências da individuação. O homem não é uma máquina, no sentido de que poderia manter constantemente a mesma produção de trabalho; pelo contrário, só poderá corresponder plenamente às exigências da necessidade exterior de maneira ideal, se se adaptar também a seu próprio mundo interior, ou seja: se entrar em harmonia consigo mesmo. E, inversamente, só poderá adaptar-se ao seu próprio mundo interior e estar em harmonia consigo mesmo, se se adaptar também às condições do mundo exterior.

Uma ou outra função só pode ser negligenciada por algum tempo, como no-lo mostra a experiência, ou seja: quando só há uma adaptação unilateral, no exterior, enquanto o interior é negligenciado, tem lugar uma elevação gradual do valor das condições externas, como se pode ver na irrupção de elementos pessoais, na esfera da adaptação exterior. Assim fui testemunha, certa feita, de um caso dramático: um fabricante que subira na vida pelo próprio esforço e trabalho, tornando-se próspero cidadão, começou a se recordar de certa fase de sua mocidade, quanto tivera muitas alegrias com a arte. Sentiu necessidade de retornar a essas tendências e começou a desenhar modelos artísticos para a sua fábrica. O resultado foi que ninguém quis mais adquirir esses produtos artísticos, e nosso homem foi à falência em poucos anos. Seu erro consistiu em querer transferir para o exterior o que pertencia ao interior, por entender erroneamente as exigências da individuação. Um fracasso assim tão patente de uma função de adaptação parcialmente suficiente se explica por esta compreensão errônea típica das exigências externas.

[76] Embora a progressão e a regressão tenham a sua causa na natureza dos processos vitais, de um lado, e nas condições do mundo ambiental, do outro, devemos considerá-las apenas como meios ou pontos de transição do processo energético, caso as analisemos do ponto de vista energético. E sob este ângulo que têm lugar a progressão e o trabalho de adaptação daí resultante como meio para a regressão, isto é, como meio para a manifestação do mundo interior no mundo exterior, produzindo-se, assim, um novo meio para uma nova progressão de natureza modificada, que é uma adaptação melhor às condições do mundo ambiente.

B. EXTROVERSÃO E INTROVERSÃO

[77] A progressão e a regressão podem ser colocadas em relação com a extroversão e a introversão da libido. A progressão enquanto adaptação às condições externas poderia ser considerada como extroversão, e a regressão enquanto adaptação às condições internas, como introversão. Este paralelo, todavia, poderá dar origem a uma grande confusão conceitual. A progressão e a regressão são, quando muito, vagas analogias da extroversão e introversão. Na realidade, estes dois últimos conceitos representam dinamismos de espécie diferente daquela da progressão e da regressão. Estas últimas são formas dinâmicas ou regulares de transformação da energia, ao passo que a extroversão e a introversão, como o próprio nome indica, são dinamismos ou formas de progressão e de regressão. A progressão é um movimento vital que avança para frente, assim como o tempo. Este movimento pode ocorrer sob duas formas diferentes, a saber: uma extrovertida, quando os objetos, isto é, as condições do mundo ambiente influenciam predominantemente a natureza e a modalidade da progressão, e outra introvertida, quando é a progressão que se deve adaptar às condições do ego (ou, mais exatamente, do "fator subjetivo"). A regressão pode produzir-se também de duas maneiras: ou como retirada do mundo exterior (introversão) ou como fuga para uma experiência exterior de natureza extravagante (extroversão). Um insucesso coloca uns em estado de sombria incubação e lança outros numa vida de agitação. Estas duas formas de reação, que designei respectivamente como extroversão e introversão,[50] correspondem a dois tipos de atitudes totalmente contrárias entre si.

[78] A libido não se movimenta por assim dizer somente para frente e para trás, senão também para fora e para dentro. Descrevi detalhadamente a psicologia deste último movimento em minha obra sobre os tipos e, por isto, aqui posso dar-me por dispensado de maiores explicações.

[50] Cf. meu livro *Psychologische Typen* [*Tipos Psicológicos*, Obras Completas, VI].

C. CANALIZAÇÃO DA LIBIDO

[79] Em meu livro *Wandlungen und Symbole der Libido* [Transformações *e Símbolos da Libido*], 2a parte, cap. III, usei a expressão "canalização da libido" para designar a conversão ou transformação da energia. Com esta expressão penso em uma transferência das intensidades ou valores psíquicos de um conteúdo a outro, de acordo com a chamada transformação da energia que, sob a forma de calor, se converte, mediante uma máquina a vapor, em tensão do vapor e, em seguida, em energia do movimento. De maneira semelhante, a energia de certos fenômenos psíquicos se converte, por meios adequados, em outros dinamismos. Em meu livro acima mencionado, dei exemplos destes processos de transformação, pelo que me dispenso aqui de voltar a eles.

[80] Quando a natureza é deixada entregue a si mesma, a energia se transforma na linha de seu declive natural. Deste modo, produzem-se fenômenos naturais, mas não "trabalho". Assim também acontece com o homem: quando entregue a si mesmo, vive, por assim dizer, como um fenômeno natural e não produz trabalho, no sentido próprio do termo. É a cultura que proporciona a máquina mediante a qual se aproveita o declive natural para produzir trabalho. Que o homem por si mesmo tenha inventado esta máquina deve-se atribuir a algo que está profundamente radicado em sua natureza ou mesmo na natureza do organismo vivo como tal. De fato, a própria matéria orgânica é um transformador de energia, e a vida participa deste processo de transformação, em um modo qualquer que ainda se desconhece. A vida se processa, utilizando-se de certas condições físicas e químicas naturais como meios para sua própria existência. O corpo vivo é uma máquina que transforma a quantidade de energia que recebe em outras manifestações dinâmicas equivalentes. Não podemos afirmar que a energia física se transforma em vida, mas apenas que a transformação é a expressão da vida.

[81] Do mesmo modo que o corpo vivo é uma máquina, outras adaptações às condições físicas e químicas têm também o valor de máquina que torna possíveis outras formas de transformação. Assim, todos os meios que o animal utiliza para salvaguardar sua existência e para lhe dar continuidade - à parte a nutrição direta de seu corpo - podem ser considerados como máquinas que se utilizam da diferença natural de potencial para a produção de trabalho. Quando o castor derruba árvores e represa as correntes de água, tem-se uma produção de trabalho condicionada por sua diferenciação. Sua diferenciação é o produto do que se poderia chamar de cultura natural que funciona como transformador da energia, como verdadeira máquina. Da mesma maneira, a cultura humana, enquanto produto natural de diferenciação, é uma máquina; primeiro que tudo, uma máquina técnica que utiliza condições naturais para transformar a energia física e química, mas também uma máquina psíquica que utiliza condições naturais para transformar a libido.

[82] Da mesma forma que o homem conseguiu inventar uma turbina e, conduzindo o curso d'água para ela, transformar a energia cinética nela contida em eletricidade, capaz de múltiplas aplicações, assim também conseguiu, com a ajuda de um mecanismo psíquico, converter os instintos naturais - que, de outra maneira, seguiriam sua tendência natural -, em outras formas dinâmicas que tornam possível a produção de trabalho.

[83] *A transformação da energia instintiva se processa com sua canalização para um análogo do objeto dos instintos*. Do mesmo modo que uma usina elétrica imita uma queda d'água, e assim se apossa de sua energia, assim também o mecanismo psíquico imita o instinto e, deste modo, apossa-se de sua energia para fins especiais. Um bom exemplo disto é a cerimônia da primavera, executada pelos

Watschandis, povo da Austrália[51]. Eles praticam um buraco de forma oval no chão e em torno dele colocam ramos de arbustos, de modo que pareça um órgão genital feminino. A seguir, dançam em volta deste buraco, segurando diante de si uma lança, imitando um pênis em ereção. Enquanto dançam em torno, enfiam as lanças no buraco, gritando: *pulli nira, pulli nira, wataka!* [não é buraco, não é buraco, é uma vulva!] Durante a cerimônia, nenhum dos participantes pode olhar para uma mulher.

[84] Por meio do buraco, os Watschandis fazem um análogo do órgão genital feminino, o objeto do instinto natural. Com a reiterada exclamação e o êxtase da dança, sugerem a si mesmos que o buraco feito na terra é realmente uma vulva, e, para que esta sua ilusão não seja perturbada pelo objeto real do instinto, eles não podem olhar para uma mulher. Não há dúvida de que se trata de uma canalização da energia e de sua transferência para um análogo do objeto original por meio da dança (que é realmente um jogo de acasalamento, como entre os pássaros e outros animais) e da imitação do ato sexual.[52]

[85] Esta dança tem um significado especial como cerimônia de fecundação da terra e por isto é que se realiza na primavera. E um ato mágico, praticado com a finalidade de transferir a libido para a terra, com o que a terra adquire um valor psíquico especial e se torna objeto de expectação. O espírito então se ocupa com a terra e, por sua vez, é afetado por ela, de modo que há a possibilidade e mesmo a probabilidade de que o homem lhe dedique sua atenção, o que é a condição psicológica prévia para o cultivo da terra. A agricultura se verifica de fato, se bem que não exclusivamente, quando há a formação de analogias sexuais. O "leito nupcial no campo" é uma cerimônia de canalização deste gênero: numa noite de primavera o cultivador leva sua mulher para o campo e ali tem relações sexuais com ela, com a finalidade de fecundar a terra. Por este modo, se estabelece uma relação e uma analogia muito íntimas, que atuam como um canal, o qual conduz a água de um rio para uma usina elétrica. A energia sexual é associada intimamente ao campo, de modo que o cultivo da terra adquire, por assim dizer, o valor de um ato sexual. Esta associação assegura um fluxo permanente de instintos para o campo, que, conseqüentemente, exerce uma atração sobre o cultivador. Este é, assim, induzido a se ocupar com o campo, o que, obviamente, é benéfico para a fertilidade da terra.

[86] Como MERINGER mostrou de maneira bastante convincente, a associação da libido (também no sentido sexual) e da agricultura se acha expressa na maneira de falar.[53] A canalização da libido para a terra não se processa, todavia, somente por meio de analogias sexuais, mas também por toque mágico direto, como no costume de rolar (walen) no campo[54]. Para o homem primitivo a canalização da libido para a terra é uma coisa tão concreta, que ele considera a fadiga provinda do trabalho como produzida pelo demônio do campo que chupou seu corpo.[55] Todos os empreendimentos e esforços maiores, como o cultivo da terra, a caça, a guerra, etc, são introduzidos pelo primitivo com cerimônias de analogia mágica, ou com encantamentos preparatórios que têm manifestamente como finalidade psicológica canalizar a libido para a atividade que se faz necessária. Nas danças do búfalo dos

---

[51] Cf. PREUSS, *Der Ursprung der Religion und Kunst*, em várias passagens, bem como SCHULTZE, *Psychologie der Naturvölker*, p. 161, c JUNG, *Wandlungen und Symbole der Libido*, p. 144 (nova edição: *Symbole der Wandlung*, p. 247s) [Obras Completas, V],

[52] A este propósito, cf. a observação em PECHUEL-LOESCHE, *Volkskunde von Loango*, p. 38: os dançarinos arrastam os pés pelo chão, ao mesmo tempo em que executam movimentos abdominais específicos.

[53] MERINGER, *Wörter und Sachen*, e JUNG, *Wandlungen und Symbole der Libido*, p. 145 (nova edição: *Symbole der Wandlung*, p. 248s, nota 22) [Obras Completas, V].

[54] Cf. MANNHARDT, *Wald und Feldkulte*, I, p. 480s.

[55] Op. cit.,p. 483.

índios Pueblos de Taos, os dançarinos representam, simultaneamente, os caçadores e a caça. Mediante a excitação e o prazer da dança, a libido é canalizada para a forma da atividade de caçar. O prazer da dança requerido para este fim é produzido pelas batidas rítmicas dos tambores e pelos cantos excitantes dos anciãos que dirigem a cerimônia. Como se sabe, estas pessoas idosas vivem mergulhadas em suas recordações e gostam de falar de seus antigos feitos; isto os "esquenta". O calor "inflama" e assim o ancião, em certo sentido, dá o primeiro impulso para a dança, para a cerimônia mimética cuja finalidade é acostumar os rapazes e os meninos com a caça e prepará-los psicologicamente para ela. Relatam-se semelhantes *rites d'entrée* a respeito de muitas tribos primitivas.[56] Um exemplo clássico é a cerimônia do *atninga* dos Aruntas, da Austrália. Ela consiste, inicialmente, em provocar a irritação dos membros de uma tribo, convocados para uma expedição de vingança. Isto é feito pelo chefe, que liga o cabelo do indivíduo morto que vai ser vingado à boca e ao pênis do homem que deve ser irritado. Para este fim, o chefe se ajoelha sobre o homem escolhido e o abraça, como se praticasse o ato sexual com ele.[57] Supõem-se que, deste modo, os "intestinos do homem começarão a queimar, com o desejo de vingar a morte do outro". A finalidade desta cerimônia é, evidentemente, estabelecer uma familiaridade íntima de cada indivíduo com o assassinado, de modo que cada um se sinta inclinado a vingar o morto.

[87] A complexidade, muitas vezes enorme, de tais cerimônias nos mostra o quanto se precisa para desviar a libido de seu alvo natural, dos seus hábitos quotidianos, para alguma atividade inabitual. O homem moderno pensa que pode conseguir isto como um mero ato de vontade, podendo, portanto, dispensar todas as cerimônias mágicas. É este fato que explica a sua longa perplexidade, sem conseguir compreender adequadamente a finalidade das cerimônias primitivas. Mas se nos recordarmos de que o homem primitivo é muito mais inconsciente, muito mais um "fenômeno natural" do que nós, e, por isto, quase não conhece aquilo que nós chamamos "vontade", então é fácil compreender por que ele precisa de cerimônias complicadas, quando para nós bastaria um simples ato de vontade. Nós somos mais conscientes, quer dizer, mais domesticados. No decurso dos milênios conseguimos não somente conquistar a natureza selvagem em torno de nós, mas também subjugar nossa própria selvageria - pelo menos temporariamente e até certo ponto! Em qualquer caso, adquirimos "vontade", isto é, *energia disponível*, e embora esta não pareça muita coisa, é, contudo, mais do que a que o primitivo possui. Por isso não precisamos de danças mágicas que nos tornem "fortes" para o que quisermos empreender; pelo menos não precisamos nos casos ordinários. Mas, quando se trata de algo que ultrapassa nossas forças, de algo que poderia facilmente não dar certo, então lançamos solenemente uma pedra fundamental com a bênção da Igreja, ou "batizamos" um navio que é lançado ao mar; e, em tempo de guerra, garantimo-nos a ajuda de um Deus patriótico. O suor frio do medo já arrancou muita jaculatória dos lábios dos mais fortes. Assim, necessita-se apenas de condições ligeiramente inseguras, para que as "complicadas formalidades mágicas" sejam ressuscitadas da maneira mais natural. Mediante estas cerimônias, as forças emocionais profundas são liberadas, a convicção se torna cega auto-sugestão e o campo psíquico da visão se estreita em torno de um ponto fixo sobre o qual está concentrado todo o peso das forças inconscientes. E é, na realidade, um fato objetivo que o sucesso espera mais o seguro do que o inseguro.

---

[56] Uma apresentação sumária em LÉVY-BRUHL, *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, p. 262s.

[57] Ilustrações sugestivas em: SPENCER AND GILLEN, *The Northern Tribes of Central Austrália*, p. 560.

D. A FORMAÇÃO DOS SÍMBOLOS

[88] O mecanismo psicológico que transforma a energia é o símbolo. Refiro-me ao símbolo real, e não ao seu sinal. Assim, o buraco feito pelos Watschandis no chão não é um sinal do órgão genital da mulher, mas um símbolo que representa a mulher-terra a ser fecundada. Confundi-lo com uma fêmea humana seria interpretar semioticamente o símbolo, e isto fatalmente perturbaria o valor da cerimônia. E é por este motivo que os dançarinos não olham para uma mulher. O mecanismo seria destruído por uma concepção semiótica - seria como despedaçar o conduto que abastece a turbina, sob o pretexto de que se trata de uma queda d'água muito pouco natural que deve sua existência à repressão das condições naturais. Longe de mim afirmar que a interpretação semiótica não tem sentido; não é apenas uma interpretação possível, como também bastante verdadeira. Sua utilidade é indiscutível em todos os casos em que a natureza é frustrada sem que resulte dela uma efetiva produção de trabalho. Mas a interpretação semiótica torna-se sem sentido, quando é aplicada de modo exclusivo e sistemático, quando, em suma, ignora a natureza real do símbolo e o rebaixa à mera condição de sinal.

[89] A primeira produção de trabalho arrancado pelo homem primitivo da força instintiva mediante a criação de analogias foi a magia. Uma cerimônia é mágica, quando não é executada para se obter uma produção efetiva de trabalho, mas permanece no estado de expectativa. Neste caso, a energia é canalizada para um novo objeto e produz um novo dinamismo, que, por sua vez, permanece mágico enquanto não realiza trabalho efetivo. A vantagem que advém de uma cerimônia mágica é que o objeto recém-ocupado adquire uma possibilidade de atuação em relação à psique. Por causa de seu valor, ela produz um efeito determinante e estimulador sobre a imaginação, de sorte que a mente é fascinada e possuída por ele por um tempo prolongado. Isto dá origem a ações que são praticadas, de maneira semijocosa, com o objeto, a maioria das quais possuindo caráter rítmico. Um bom exemplo disto são os desenhos rupestres da América do Sul que consistem em sulcos gravados profundamente em pedra duríssima. Foram praticados pelos índios que cavavam, brincando, os sulcos, repetidamente, com pedras, ao longo de centenas de anos. E quase difícil interpretar o conteúdo destes desenhos, mas a atividade ligada a eles é incomparavelmente mais importante.[58]

[90] A influência exercida sobre a mente pelo objeto magicamente atuante pode ter também outras conseqüências: por sua ocupação ludicamente alimentada com o objeto, o homem faz todos os tipos de descobertas em torno dele, as quais, de outra maneira, lhe teriam escapado. Como sabemos, muitas descobertas foram feitas realmente por este meio. Não é sem motivo que a magia se chama a mãe das ciências. Até em plena Idade Média aquilo que nós hoje chamamos de ciência natural não era senão magia. Um exemplo significativo disto é a Alquimia, cujo simbolismo nos mostra, de maneira inequívoca, o princípio da transformação da energia acima descrito, e os alquimistas posteriores estavam, realmente, cônscios desta verdade.[59] Mas somente com a evolução da magia para a ciência, isto é, com o avanço do estágio de mera expectação para o trabalho técnico real com o objeto é que adquirimos o domínio das forças da natureza com o qual a idade da magia sonhara. Realizou-se até mesmo o sonho dos alquimistas de transformar os elementos, e a ação mágica à distância tornou-se realidade, com a descoberta da eletricidade. Temos, portanto, toda a razão para avaliar a formação dos símbolos e render nossa homenagem ao símbolo como meio inestimável que nos dá a possibilidade de utilizar o mero fluxo

---

[58] KOCK-GRÜNBERG, *Südamerikanische Felszeichnungen*.

[59] Cf. SILBERER, *Probleme der Mystik und ihrerSymbolit*, também ROSENCREUTZ, *Chymische Hochzeit*.

instintivo do processo energético para uma produção efetiva de trabalho. Uma queda-d'água é, certamente, mais bela do que uma usina elétrica, mas a dirá necessitas [a impiedosa necessidade] nos ensina a ter em muito mais alta estima a luz elétrica e a indústria eletrificada do que a maravilhosa inutilidade da queda-d'água que nos delicia por um quarto de hora em nosso passeio de feriado.

[91] Da mesma maneira como na natureza física só uma parte muito pequena da energia natural pode ser convertida em uma forma utilizável na vida prática, enquanto se deve deixar a parte imensamente maior atuando, inaproveitada, nos fenômenos naturais, assim também em nossa natureza psíquica só uma pequena parte da energia total pode ser desviada de seu curso natural. Uma parte incomparavelmente maior não pode ser utilizada por nós, mas sustenta o curso regular da vida. Por isto é que a libido se acha distribuída, naturalmente, entre os diversos sistemas funcionais aos quais não pode se subtrair inteiramente. A libido está investida nestas funções como uma força específica que não pode ser transformada. Só onde o símbolo oferece uma diferença de potencial maior do que a da natureza é possível canalizar a libido para outras formas. A história da civilização nos mostra amplamente que o homem possui um excedente de energia que é capaz de outra aplicação, além do fluxo natural. O fato de que o símbolo torna possível este deflexão prova que nem toda a libido se acha fixada em uma forma natural que determina o seu curso natural, mas sobra uma certa quantidade de energia, que poderia chamar-se de excedente da libido. É possível imaginar que este excedente se deve ao fato de que as funções firmemente organizadas não conseguem o equilíbrio satisfatório entre as diferenças de intensidade. Elas poderiam ser comparadas a um aqueduto cujo diâmetro é demasiado estreito para desviar uma determinada quantidade de água que se substitui constantemente. A água transbordaria de uma forma ou de outra. Este excedente de libido dá origem a certos processos psíquicos que não podem ser explicados - ou só o podem de modo muito inadequado - como resultado de condições meramente naturais. São processos religiosos cuja natureza é essencialmente simbólica. Sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônias. São manifestações e expressões do excedente da libido. Constituem, ao mesmo tempo, degraus que levam a novas atividades que, especificamente, devemos chamar culturais, para distingui-las das funções instintivas que seguem seu curso regular, de acordo com as leis da natureza.

[92] Chamei o símbolo que converte a energia de "imagem da libido".[60] Como tal entendo aquelas representações que podem dar uma expressão equivalente à libido e assim canalizá-la para uma forma diferente da original. A mitologia nos oferece numerosos equivalentes deste gênero, que vão desde os objetos sagrados, como os *churingas*, os fetiches, etc, até as figuras de deuses. Os ritos com que se cercam os objetos sagrados freqüentemente nos revelam, de modo bastante claro, a natureza como sendo um transformador de energia. Assim, o primitivo esfrega seu *churinga*, de maneira rítmica, e com isto recebe em si o poder mágico do fetiche, ao mesmo tempo em que o faz receber uma nova "carga".[61] Um estágio superior nesta mesma linha de pensamento é a idéia do totem, que se acha intimamente ligada aos começos da formação da vida em comunidade e conduz diretamente à idéia do paládio, da divindade tutelar e tribal, e também à idéia de uma comunidade humana organizada, em geral. A transformação da energia por meio do símbolo é um processo que vem se realizando desde os inícios da humanidade, e ainda continua. Os símbolos nunca foram inventados conscientemente; foram produzidos sempre pelo inconsciente

---

[60] *Wandlungen und Symbole der Libido*, p. 91 (nova edição: *Symbole der Wandlungen*, p. 159 [Obras Completas, V].

[61] SPENCER AND GILLEN, op. cit., p. 277.

pela via da chamada revelação ou intuição.[62] Em vista da estreita conexão que existe entre os símbolos mitológicos e os símbolos oníricos, e do fato de que o sonho é *le dieu des sauvages*, segundo a expressão de P. LEJEUNE, é mais do que provável que a maior parte dos símbolos históricos derive diretamente dos sonhos ou pelo menos seja influenciada por eles.[63] Sabemos que isto é verdadeiro quanto à escolha do totem, e há também testemunhos semelhantes a respeito da escolha dos deuses. Esta antiqüíssima função do símbolo está presente também em nossos dias, apesar do fato de que, por centenas de anos, a tendência da evolução da inteligência humana foi no sentido de reprimir a formação individual de símbolos. Um dos primeiros passos nessa direção foi o de estabelecer uma religião oficial do Estado, e um passo posterior foi a ex-terminação do politeísmo, tentada pela primeira vez na reforma empreendida por AMENÓFIS IV. Como sabemos, foi extraordinário o papel que o Cristianismo desempenhou na repressão da formação individual do símbolo. Mas quando a intensidade da idéia cristã começa a diminuir, pode-se esperar um recrudescimento da formação individual do símbolo. A prodigiosa proliferação de seitas cristãs desde o século XVIII, o século do "Iluminismo", parece-me constituir um testemunho eloqüente neste sentido. A enorme expansão da Christian Science, da Teosofia, da Antroposofía e da religião do Mazdaznan são tantos outros passos ao longo do mesmo caminho.

[93] No trabalho prático com os nossos pacientes topamos, a cada passo, com formações de símbolos cujo objetivo é a transformação da libido. No começo de um tratamento encontramos a formação dos símbolos em ação, mas sob uma forma inadequada, que se revela no fato de ela oferecer um gradiente por demais baixo à libido: em vez de se converter em trabalho efetivo, a libido flui inconsciente pelo antigo canal, isto é, sob a forma de fantasias sexuais arcaicas e atividades da fantasia. Daí resulta que o paciente permanece em conflito consigo próprio, ou, em outros termos, torna-se neurótico. Nesses casos indica-se a análise em sentido mais rigoroso, ou seja, o método psicanalítico redutivo inaugurado por FREUD e que põe por terra todas as formações inadequadas de símbolos e as reduz a seus elementos naturais. A usina elétrica situada em posição demasiado alta e construída de forma inadequada é demolida e reduzida a seus componentes originais, de sorte que o curso natural é restaurado. O inconsciente continua a produzir símbolos que alguém poderia, obviamente, reduzir a seus elementos, *ad infinitum*.

[94] Mas o ser humano não pode jamais contentar-se com o curso natural das coisas, porque possui sempre um excedente de energia ao qual se pode oferecer um gradiente mais favorável do que o meramente natural. Por esta razão ele procurará inevitavelmente chegar a isto, por mais freqüentemente que seja forçado, por redução, a retornar a seu gradiente natural. Adquirimos, por isso, a convicção de que, quando se reduzem as estruturas inadequadas e se restaura o curso natural das coisas,

---

[62] "Man of course, has always been trying to understand and control his enviroment, but in teh carly stages this process was unconscious. The matters which are problems for us existed latent in the primitive brain; there, undefined, lay both problcm and answer; through many ages of savagery, first one and the another partial answer emerged into consciousness; at the end of the series, hardly completed today, there will be a new synthesis in which riddlc and answer are one". ["O homem, naturalmente, sempre procurou compreender e controlar o ambiente cm que vive, mas nos estágios iniciais este processo era inconsciente. Os fatos que constituem problemas para nós existiram de forma latente no cérebro do primitivo; aí encontram-se, indefinidos, o problema e, ao mesmo tempo, a solução; através de vários períodos de selvageria, emerge, na consciência, primeiramente uma resposta parcial, e, posteriormente, uma outra também parcial. No final da série, dificilmente completa em nossos dias, haverá uma nova síntese cm que o enigma c a solução constituirão uma só coisa"]. (CRAWLEY, The idea of the Soul, p. 11).

[63] "Les reves sont pour les sauvages ce que la Bible est pour nous: la source de la révé-lation divinc" ["Os sonhos são para o selvagem aquilo que a Bíblia é para nós: a fonte da revelação divina"]. (GATSCHET, *The Klamath Language*, citado em LÉVY-BRUHL, op. cit., p. 53).

de modo a haver a possibilidade de o paciente levar uma vida normal, o processo redutivo não continua, e que, ao invés, a formação dos símbolos é reforçada numa direção sintética, até que se encontre um gradiente de potencial mais favorável para o excedente de energia. A redução à condição natural não é um estado ideal nem uma panacéia para o homem. Se o estado natural fosse verdadeiramente o ideal, o primitivo levaria uma existência invejável. Mas, na realidade, não é isto o que acontece, porque, além de outros sofrimentos e dificuldades da vida humana, o homem primitivo é atormentado por superstições, temores e compulsões, em tal grau que, se vivesse em nossa civilização, só poderia ser qualificado de profundamente neurótico, quando não mesmo de louco. O que se poderia dizer de um europeu que se comportasse da maneira como segue? Um negro sonha que é perseguido pelos seus inimigos, preso e queimado vivo. No dia seguinte, pede a seus parentes que acendam um fogo e lhe coloquem os pés sobre ele, a fim de afastar, com esta cerimônia apotropaica, a desgraça com que sonhara. As queimaduras que sofre são tão graves, que ele passa vários meses acamado, sem poder andar.[64]

[95] A humanidade se libertou destes temores, pelo processo contínuo de formação de símbolos que leva o homem à cultura. O retorno à natureza devia ser acompanhado, portanto, de uma reconstituição sintética do símbolo. A redução leva o indivíduo para baixo, ao estado de homem primitivo natural e sua mentalidade peculiar. Freud dirigiu sua atenção principalmente para os desejos desapiedados de prazer, e Adler para a "psicologia do prestígio". Estas são, certamente, duas peculiaridades muito essenciais da psique primitiva, mas estão longe de ser as únicas. Para sermos completos, teríamos de mencionar as demais características do homem primitivo, tais como suas tendências para o jogo, para o místico, para o "heróico", etc, mas sobretudo aquela qualidade saliente da alma primitiva, que é a de estar sujeita a "poderes" suprapessoais, sejam eles os instintos, os afetos, as superstições, as fantasias, os mágicos, os feiticeiros, os espíritos, os demônios, ou os deuses. A redução leva de volta à sujeição do primitivo, da qual o homem civilizado espera ter escapado. E justamente como a redução torna o homem consciente de sua sujeição a estes "poderes" e o confronta, assim, com um problema quase perigoso, assim também o tratamento sintético do símbolo leva-o à questão religiosa, não tanto, porém, ao problema dos credos religiosos da atualidade quanto ao problema religioso do homem primitivo. Em face dos poderes bastante reais que o dominam, somente um fato igualmente real é capaz de lhe oferecer ajuda e proteção. Não um sistema intelectual, mas somente a experiência direta é que pode contrabalançar o poder cego dos instintos.

[96] Contra o polimorfismo da natureza instintiva do primitivo se levanta o *princípio* regulador da *individuação*. A multiplicidade e à divisão interior se contrapõe uma unidade integradora cujo poder é tão grande quanto o dos instintos. Verdadeiramente, juntos, os dois formam um par de opostos, necessário à auto-regulação e freqüentemente descrito como natureza e espírito. Estes conceitos se radicam nas condições psíquicas -entre as quais a consciência - qual um fiel de balança.

[97] A mentalidade primitiva só pode ser experimentada diretamente sob a forma de psique infantil de que é possível ainda nos lembrarmos. FREUD tem alguma razão em ver esta psique como sexualidade infantil, porque é desde estado germinal que sai o futuro ser sexual maduro. FREUD, todavia, deriva todos os outros tipos de peculiaridades mentais do estado germinal infantil, de modo que a própria mente parece provir de um estágio sexual preliminar e, conseqüentemente, nada mais seria do que um subproduto da sexualidade. FREUD, entretanto, não vê que o estado

---

[64] LÉVY-BRUHL, *op.* c/f., p. 54.

germinal infantil e polivalente não é apenas um estágio preliminar singularmente perverso da sexualidade normal e madura; ela parece singularmente perversa, precisamente porque é um estágio preliminar não só da sexualidade adulta, mas também de toda a estrutura mental do indivíduo. Deste estado germinal infantil é que se desenvolve o homem adulto completo; por isso o estado germinal é não menos exclusivamente sexual do que a psique do homem feito. Nesse estado estão escondidos não só os inícios da vida adulta, como também toda a herança que nos vem da série dos ancestrais, e é de extensão ilimitada. Esta herança inclui não apenas os instintos que derivam já do estágio animal, como também todas aquelas diferenciações que deixaram traços hereditários atrás de si. Assim, cada criança nasce realmente com uma imensa incongruência dentro de si: de um lado, um ser mais ou menos semelhante ao animal e, do outro, a corporificação final de uma soma antiqüíssima e infinitamente complicada de fatores hereditários. Esta incongruência interior é responsável pela tensão do estado germinal, e é também o que explica muitos dos enigmas da psicologia infantil, certamente não desprovida destes enigmas.

[98] Se agora, servindo-nos de um procedimento redutivo, descobrimos os estágios infantis da psicologia adulta, encontramos, como seu fundamento último, os germes infantis que contêm, de um lado, o ser sexual posterior, *in statu nascendi* [no estado de nascer] e, do outro, também todas aquelas precondições complicadas do ser civilizado. É nos sonhos das crianças que este fato mais belamente se reflete. Muitos deles são sonhos de caráter "infantil", muito simples e imediatamente compreensíveis, ao passo que outros contêm possibilidades de sentido, quase ao ponto de nos provocar vertigem, e coisas que só revelam seu significado profundo à luz de paralelos primitivos de natureza semelhante. Este outro lado é o espírito *in nuce* [em germe]. A infância, por conseguinte, é importante, não somente porque várias atrofias dos instintos dela se originaram, como também porque ela é o tempo em que surgem, terrificantes ou encorajadores, diante da alma da criança, aqueles sonhos e imagens da ampla visão, a condicionar-lhe o destino, concomitantemente com aquelas intuições retrospectivas que se estendem, para além da esfera da experiência, até à própria vida de nossos ancestrais. Assim, na alma da criança a condição "natural" já se acha confrontada com uma condição espiritual. É fato reconhecido que o homem que vive em estado de natureza não é, de maneira alguma, meramente "natural", como um animal, mas vê, acredita, teme, adora coisas cujo sentido é impossível descobrir partindo somente das condições naturais do ambiente natural. Seu sentido subjacente nos conduz até mesmo para longe de tudo o que é natural, óbvio e facilmente inteligível e, não raro, contrasta agudamente com os instintos. Basta pensarmos naqueles ritos e costumes cruéis dos primitivos, contra os quais se rebela qualquer sentimento natural, ou em todas aquelas crenças e idéias que se acham em contradição insuperável com a evidência das coisas. Estes fatos nos obrigam a admitir que o princípio espiritual (seja ele qual for) se afirma contra o princípio meramente natural com força inaudita. Poderíamos mesmo dizer que isto também é "natural", e que tanto um como o outro têm sua origem em uma só e mesma natureza. Não duvido absolutamente desta origem, mas devo ressaltar que esta coisa "natural" consiste em um conflito entre dois princípios, aos quais se pode dar este ou aquele nome, segundo o gosto de cada um, e que *esta contradição é expressão e possivelmente também a raiz daquela tensão que chamamos de energia psíquica*.

[99] Por razões de ordem teórica, semelhante tensão entre os opostos deve existir também na criança; de outro modo nenhuma energia seria possível, como já dissera HERÁCLITO: pÒlemoz patÇr p®ntwn.[65] Como já adverti, semelhante conflito

---

[65] (A guerra é a mãe de todas as coisas). [Literalmente: é o *pai* de todas as coisas -NT].

pode ser entendido como uma oposição entre o ser natural, ainda profundamente primitivo, do recém-nascido, e sua carga hereditária altamente diferenciada. A natureza humana é caracterizada por uma instintividade ainda não abatida, bem como pelo fato de estar totalmente à mercê de seus instintos. A carga hereditária oposta a esta situação é constituída pelos sedimentos mnêmicos de todas as experiências legadas pelos ancestrais. As pessoas muitas vezes se sentem inclinadas a encarar tal hipótese com ceticismo, pensando que se trata de "idéias herdadas". Evidentemente, não é disto que estamos falando. Trata-se, pelo contrário, de possibilidades herdadas de idéias, de "pistas" que foram traçadas gradualmente pelas experiências acumuladas pelos ancestrais. Negar que estas pistas foram herdadas eqüivaleria a negar a hereditariedade do cérebro. Por razões de coerência, tais pessoas deveriam afirmar que a criança nasce com um cérebro de macaco. Mas, uma vez que a criança nasce com um cérebro humano, este cérebro, mais cedo ou mais tarde, começará a funcionar de maneira humana e o fará, necessariamente, ao nível dos ancestrais mais recentes. Naturalmente este funcionamento permanece profundamente inconsciente para a criança. Primeiramente ela toma consciência somente dos instintos e daquilo que se opõe a eles. E tais são seus pais visíveis. É por esta razão que a criança tem noção de que aquilo que a inibe poderia estar dentro dela mesma. Certa ou errada, ela o projeta em seus pais. Este preconceito infantil é tão tenaz, que nós, médicos, muitas vezes temos ainda a maior dificuldade de convencer nossos pacientes de que o pai malvado, que proíbe tudo, está mais dentro do que fora deles mesmos. Tudo o que atua a partir do inconsciente aparece projetado nos outros. Não que os outros sejam totalmente isentos de culpa, pois mesmo a pior projeção está presa a um gancho, que, por muito pequeno que seja, é ainda um gancho oferecido por outrem.

[100] Embora a soma dos fatores hereditários seja constituída de pistas fisiológicas, foram, contudo, os processos mentais ocorridos na série dos ancestrais que as traçaram. Se tais pistas alcançam a consciência no indivíduo, isto só é possível, de novo, sob a forma de processos mentais, e embora estes processos só se tornem conscientes mediante a experiência individual e, conseqüentemente, apareçam como aquisições individuais, são, porém, pistas preexistentes que foram apenas "preenchidas" com experiências individuais. Toda experiência individual é uma destas irrupções num leito de rio, por certo muito antigo, mas até então inconsciente.

[101] As pistas preexistentes são fatos árduos, tão inegáveis quanto o fato histórico de o homem ter construído uma cidade a partir de sua caverna original. Este desenvolvimento só foi possível graças à formação da vida em comunidade, e esta última só se tornou possível com *o refreamento dos instintos. O refreamento dos instintos por processos mentais é levado a efeito com a mesma força e os mesmos resultados tanto no indivíduo como na história dos povos. O refreamento dos instintos é um processo normativo, ou, mais precisamente, um processo nomotético,*[66] cujo poder deriva do fato inconsciente destas pistas herdadas. O espírito como princípio ativo da hereditariedade é constituído pela soma dos registros dos ancestrais, dos *pais* invisíveis[67] cuja autoridade nasce de novo com a criança.

[102] O conceito filosófico de espírito ainda não foi capaz de libertar o termo lingüístico que o expressa das cadeias superpoderosas da sua identidade com a outra noção de espírito que é o "fantasma". A visão religiosa, por outro lado, conseguiu superar a associação lingüística com os espíritos, denominando a autoridade espiritual suprema de Deus. No decorrer dos séculos esta concepção se desenvolveu como formulação daquele princípio espiritual que se opõe, inibitivamente, à mera

[66] (Que estabelece leis).
[67] SÕDERBLOM, *Das Werden des Gottesglaubens*, p. 88s c 175s.

instintividade. O que há de particularmente importante aqui é que Deus é concebido ao mesmo tempo como o Criador da natureza. Ele é o autor dessas criaturas imperfeitas que erram e pecam, e, ao mesmo tempo, é o seu juiz e capataz. A simples lógica nos diria: se eu faço uma criatura que cai no erro e no pecado e é praticamente desprovida de valor, por causa de sua instintividade cega, evidentemente sou um mau criador e sequer consegui passar na prova da categoria de aprendiz. (Como sabemos, este argumento desempenhou importante papel dentro do Gnosticismo.) Mas o ponto de vista religioso não se abala com esta crítica; ele afirma que os caminhos e as intenções da divindade são insondáveis. Na realidade, o argumento dos gnósticos encontrou pouca aceitação na história, porque a intangibilidade da idéia de Deus corresponde obviamente a uma necessidade vital diante da qual qualquer lógica empalidece. (É claro, aqui não falamos de Deus como uma coisa em si, mas somente de uma concepção humana que, como tal, é um objeto legítimo da Ciência.)

[103] Embora o conceito de Deus seja, assim, um princípio espiritual *par excellence*, contudo, a necessidade metafísica coletiva quer que ele seja ao mesmo tempo uma concepção da primeira Causar criadora, da qual procedem todas aquelas forças instintivas que se opõem ao princípio espiritual. Deus seria, assim, não só a essência da luz espiritual que aparece como a flor mais recente da evolução, não só a meta espiritual da redenção na qual culmina toda a criação, não só o fim e o alvo derradeiro, mas também a causa mais obscura e ínfima das trevas da natureza. Este é um tremendo paradoxo que reflete obviamente uma profunda verdade psicológica. De fato, ele não exprime senão o caráter contraditório de uma só e mesma entidade cuja natureza mais íntima é uma tensão entre dois opostos. A Ciência designa esta entidade pelo nome de energia, pois a energia é um equilíbrio vivo entre opostos. Por isto é que o conceito de Deus, em si mesmo impossivelmente paradoxal, pode ser tão satisfatório para as necessidades humanas, que nenhuma lógica, por mais justificada que pareça, é incapaz de lhe resistir. De fato, a elucubração, mesmo a mais sutil, dificilmente consegue uma fórmula mais adequada para este fato fundamental da percepção interior.

[104] Acredito que não é supérfluo ter discutido de modo um pouco mais detalhado a natureza dos opostos que estão na base da energia psíquica.[68] A teoria de FREUD consiste em uma explicação causal da psicologia dos instintos. Deste ponto de vista, o princípio espiritual forçosamente aparece apenas como um apêndice, um subproduto dos instintos. Como não se pode negar o seu poder inibidor e restritivo, ele é atribuído às influências da educação, da autoridade moral, das convenções e da tradição. Estas instâncias, por seu lado, derivam seu poder (segundo esta teoria) das repressões, à maneira de um circulus vitiosus [círculo vicioso]. Mas o princípio espiritual não é reconhecido como contraparte equivalente dos instintos.

[105] O ponto de vista espiritual, por outro lado, está corporificado na concepção religiosa que pressuponho suficientemente conhecida. A psicologia de FREUD parece ameaçadora para este ponto de vista. Mas ela não é mais ameaçadora do que o materialismo em geral, seja ele de natureza científica ou prática. O caráter unilateral da teoria sexual de FREUD é significativo, pelo menos como sintoma. Ainda que não tenha uma justificação científica, tem uma justificação moral. É indubitavelmente no âmbito da sexualidade que a instintividade mais vezes e mais sensivelmente entra em conflito com as concepções morais. O conflito entre a instintividade infantil e a ética jamais pode ser evitado. É, assim me parece, mesmo a

---

[68] Tratei do mesmo problema sob um outro aspecto e de outra maneira, em *Wandlungen und Symbole der Libido*, p. 167 e 41 Os (nova edição: *Symbole der Wandlung*, p. 287 e 758s) [Obras Completas, V] e em *Psychologische Typen* [*Tipos Psicológicos*], p. 275s [Obras Completas, VI].

conditio sine qua non da energia psíquica. Enquanto todos estamos de acordo que o assassinato, o roubo e outras crueldades de qualquer espécie são evidentemente inadmissíveis, há, contudo, aquilo que chamamos de questão sexual. Não se ouve falar de uma questão do assassinato nem de uma questão da raiva. Não se apela para medidas sociais contra aqueles que descarregam seu mau humor contra seus semelhantes. Mas tudo isto são manifestações instintivas e, apesar disto, a necessidade de reprimi-las nos parece axiomática. Apenas em relação à sexualidade é que nos sentimos inclinados a colocar um ponto de interrogação. Isto indica uma dúvida - a dúvida se nossos conceitos morais presentes e as instituições legais sobre eles fundadas são suficientes e adequadas ao seu escopo. Nenhuma pessoa inteligente negará que as opiniões neste domínio se acham muito divididas. Na realidade, não haveria problemas desta natureza, se a opinião pública estivesse concorde em torno deste ponto. Trata-se, evidentemente, de uma reação contra uma moralidade demasiado rigorosa. Não é uma simples irrupção da instintividade primitiva. Semelhantes irrupções, como sabemos, nunca se preocuparam com leis morais e problemas éticos. Trata-se, pelo contrário, de sérias apreensões a respeito de saber se nossas concepções morais presentes levaram ou não na devida consideração a natureza da sexualidade. Dessa dúvida, naturalmente, surge um interesse no sentido de entender melhor e mais profundamente a natureza da sexualidade. E este interesse encontra resposta não só na psicologia de FREUD como em muitos outros trabalhos do mesmo gênero. A ênfase especial que FREUD põe, por isto, na sexualidade, poderia ser tomada como resposta mais ou menos consciente à questão do momento, e, inversamente, a aceitação de que as idéias de FREUD encontraram junto ao público prova como sua questão era atual.

[106] Um leitor atento e crítico dos escritos de FREUD não deixará de notar como é genérico e elástico o seu conceito de sexualidade. É tão amplo, que muitas vezes se pergunta por que motivo o autor emprega genericamente uma terminologia sexual em certas passagens. Seu conceito de sexualidade abrange não só os processos sexuais fisiológicos, como também quase todos os estágios, fases e espécies de sentimentos e de desejos. Esta enorme elasticidade torna seu conceito de sexualidade universalmente aplicável, nem sempre com vantagem para a explicação daí resultante. Com este conceito assim tão amplo pode-se explicar uma obra-de-arte como sendo fruto de uma experiência religiosa, exatamente da mesma maneira que um sintoma histérico. A diferença absoluta entre estas três manifestações não entra em linha de conta e, por isso mesmo, só pode ser uma pseudo-explicação, pelo menos para duas das mencionadas coisas. Afora estes inconvenientes, contudo, é psicologicamente correto abordar o problema dos instintos primeiramente do lado da sexualidade, pois é justamente aí que uma pessoa isenta de preconceito encontra o que pensar.

[107] O conflito entre ética e sexualidade, em nossos dias, não é uma mera colisão entre instintividade e moral, mas uma luta para justificar a presença de um instinto em nossas vidas e para reconhecer neste instinto um poder que procura sua expressão, e com o qual, manifestamente, não se pode brincar e que, por isso, também não quer se submeter às nossas bem-intencionadas leis. A sexualidade não é mera instintividade; é um poder indiscutivelmente criador que é não somente a causa fundamental de nossa existência individual, como um fator em nossa vida psíquica, a ser levado com muita seriedade. Hoje conhecemos, suficientemente, as graves conseqüências que as perturbações da sexualidade podem trazer. Poderíamos chamar a sexualidade de porta-voz dos instintos, e é por isto que o ponto de vista espiritual vê nela a sua principal antagonista, não, certamente, porque a tolerância sexual seja em si mesma mais imoral do que o excesso no comer e no beber, do que a avareza, a tirania e o esbanjamento, mas porque o espírito pressente na sexualidade uma

contraparte de igual peso e mesmo afim a ele. De fato, do mesmo modo que o espírito gostaria de submeter a sexualidade, como todos os outros instintos, a seus próprios esquemas, assim também a sexualidade alimenta uma antiga pretensão sobre o espírito que ela, outrora - na procriação, na gravidez, no nascimento e na infância - trazia < onsigo e cuja paixão o espírito jamais poderá dispensar em suas criações. Que seria, afinal, o espírito, se existisse um instinto de igual peso a lhe contrapor? Seria apenas uma forma vazia. Uma consideração racional dos outros instintos se tornou uma necessidade axiomática para nós; mas com a sexualidade é diferente. Para nós, a sexualidade ainda é problemática. Neste ponto ainda não atingimos aquele grau de consciência que nos capacitaria a fazer plena justiça ao instinto sem danos morais sensíveis. Freud não é apenas um pesquisador científico da sexualidade, mas também o seu paladino; por isso, tendo em vista a grande importância do problema sexual, admito pelo menos uma justificação moral para seu conceito de sexualidade, embora não possa admiti-la do ponto de vista científico.

[108] Não é aqui o lugar de discutir as possíveis razões da atitude de nossos contemporâneos face à sexualidade. Basta ressaltar que a impressão que nos domina é a de que a sexualidade é o instinto mais forte e mais imediato,[69] aparecendo-nos como o instinto por antonomásia. Além disto, devo também frisar que, rigorosamente falando, o princípio espiritual não entra em choque com o instinto em si, mas propriamiMite com a instintividade, em que devemos ver uma preponderância injustificada da natureza instintiva sobre o espiritual. O espiritual também aparece na psique como um instinto, e mesmo como verdadeira paixão, como "um fogo devorador", segundo a expressão de NIETZSCHE. Não deriva de outro instinto, como nos quer fazer crer a psicologia dos instintos, mas é um princípio *sui generis*, uma forma específica e necessária da força instintiva. Tratei deste problema em um estudo especial, ao qual remeto o leitor.[70]

[109] São estas as duas possibilidades oferecidas pelo espírito que a formação dos símbolos segue. A redução produz uma desagregação de todos os símbolos inapropriados e inúteis, levando-os, assim, de volta ao seu curso meramente natural, e isto provoca um certo represamento da libido. A maioria das pretensas "sublimações" são produtos compulsivos desta situação, isto é, atividades cultivadas mediante as quais o indivíduo se desfaz, por assim dizer, do excesso insuportável de libido. Mas as exigências realmente primitivas não são atendidas com este procedimento. Se estudarmos cuidadosamente e sem preconceitos a psicologia desta situação de represamento, facilmente descobriremos os começos de uma forma primitiva de religião, forma religiosa esta de natureza individual totalmente diferente da religião coletiva e dogmática predominante.

[110] Como a formação de uma religião ou a formação dos símbolos é um interesse do espírito primitivo, tão importante quanto a satisfação dos instintos, o caminho para um posterior desenvolvimento está logicamente indicado: o caminho para escapar do estado de redução é a formação de uma religião de caráter individual. Com isso a verdadeira individualidade emerge dos véus da personalidade coletiva, o que seria de todo impossível no estado de redução, pois a natureza instintiva é, em si mesma, essencialmente coletiva. O desenvolvimento da individualidade é também impossível, ou no mínimo seriamente impedido, se o estado de redução dá origem a sublimações forçadas, na forma de várias atividades culturais que, por sua essência, são igualmente coletivas. Como os seres humanos são predominantemente coletivos, estas sublimações forçadas são produtos terapêuticos que não devem ser subestimados, pois ajudam muitos indivíduos a levarem avante sua

---

[69] Isso não acontece com os primitivos, para os quais a questão da comida tem uma importância maior.
[70] Cf. "Instinto e inconsciente" [cap. VI deste livro].

vida em uma atividade útil e proveitosa. Entre estas "atividades culturais" devemos incluir também a prática de uma religião, no quadro de uma religião coletiva. A maravilhosa amplidão do simbolismo católico oferece uma margem de acolhimento aos sentimentos do coração humano, que, para muitas naturezas, é plenamente satisfatória. A imediatidade da relação com Deus, típica do Protestantismo, satisfaz a sua propensão mística à independência, enquanto a Teosofia, com suas ilimitadas possibilidades de abstração, atende à sua necessidade de intuições, de inspiração gnóstica e à sua preguiça de pensar.

[111] As organizações ou sistemas são símbolos (sØmbolon = profissão de fé) que capacitam o homem a estabelecer uma posição espiritual que se contrapõe à natureza instintiva original, uma atitude cultural em face da mera instintividade. Esta tem sido a função de todas as religiões. Por longo tempo e para a grande maioria dos homens basta o símbolo de uma religião coletiva. Talvez só temporariamente e para um número relativamente pequeno de pessoas é que as religiões coletivas existentes se tornaram inadequadas. Onde quer que o processo cultural esteja em andamento, seja nos indivíduos, isoladamente, seja em grupos, dão-se rupturas com relação às crenças coletivas. Qualquer avanço cultural é, psicologicamente, uma ampliação da consciência, uma tomada de consciência, que só pode se realizar mediante uma diferenciação. Por isso. Qualquer avanço começa sempre com a individuação, isto é, começa como indivíduo abrindo novo caminho através de terreno até então não desbravado, depois de haver-se conscientizado de sua própria individualização. Para chegar a isto, deve ele primeiramente retornar aos fatos fundamentais de seu próprio ser, independentemente de qualquer autoridade ou tradição, e tomar consciência de sua diferenciação. Se conseguir conferir um valor à sua consciência ampliada, ele provocará uma tensão entre os opostos que lhe fornece estímulos para seus progressos posteriores.

[112] Com isto não queremos dizer que o desenvolvimento da individualidade seja necessário, ou pelo menos oportuno, em quaisquer circunstâncias, embora alguém possa acreditar que, segundo a afirmação de que a "maior felicidade dos filhos deste mundo é unicamente a realização da personalidade", existe um número mais ou menos grande de pessoas para as quais o desenvolvimento da individualidade é uma exigência primordial, especialmente em uma época cultural como a nossa, que se banalizou por uma mentalidade coletiva e onde são praticamente os meios de comunicação que dominam o mundo. Segundo minha experiência, naturalmente limitada, existe, entre as pessoas de idade madura, um número considerável daquelas para as quais o desenvolvimento da personalidade é um requisito essencial. Por isso sou privadamente da opinião - exclusivamente pessoal - de que são justamente as pessoas em idade madura as que mais necessidade têm de um pouco mais de educação no plano da cultura individual, depois que sua educação juvenil, na escola ou na universidade, as formou numa linha exclusivamente coletiva, impregnando-as literalmente de uma mentalidade coletiva. Sei bastante, por experiência, que as pessoas nessa idade são, sob este aspecto, muito mais capazes de educação do que propriamente se espera, embora sejam justamente os indivíduos amadurecidos e fortalecidos pela experiência da vida os que mais vigorosamente resistem a um ponto de vista meramente redutivo.

[113] É naturalmente no período da juventude em que mais podemos lucrar de um reconhecimento amplo da nossa instintividade. Assim, por ex., o reconhecimento da sexualidade, cuja supressão neurótica afasta indevidamente o indivíduo da vida ou o obriga, desventuradamente, a um modo totalmente inadequado de viver, com o qual ele necessariamente entra em conflito. Um reconhecimento e uma apreciação justa dos instintos normais conduzem o jovem à vida e o envolvem em acontecimentos que o levam, por sua vez, a novas necessidades da vida e aos

conseqüentes sacrifícios e esforços mediante os quais seu caráter se robustece e suas experiências maturam. Para a pessoa madura, na segunda metade da vida, entretanto, a continuada expansão da vida já não é, evidentemente, o princípio correto, porque a descida no entardecer da vida exige simplificação, limitação e interiorização; em outras palavras: exige cultura individual. A pessoa, na primeira metade da vida, com sua orientação biológica, geralmente pode, graças à juventude de seu organismo, expandir, sem dificuldade, a sua vida e dela fazer alguma coisa de valor. Mas o homem na segunda metade da vida está, naturalmente, orientado para a cultura, enquanto as forças decrescentes de seu organismo permitem-lhe subordinar seus instintos aos pontos de vista culturais. Não poucos naufragam na passagem da esfera biológica para a esfera cultural. Nossa educação marcadamente coletiva não faz praticamente provisões para este período de transição. Enquanto nos voltamos exclusivamente para a educação dos jovens, descuidamos da educação do adulto, a respeito do qual se admite - não se sabe com qual fundamento - que não tem necessidade de educação. Falta-lhe, por assim dizer, toda e qualquer guia para esta passagem, extraordinariamente importante, da atitude biológica para a atitude cultural, para a transformação da energia da forma biológica na forma cultural. Este processo de transformação é de natureza individual e não pode ser imposto por regras e prescrições gerais. A transformação da libido se opera através do símbolo. A formação dos símbolos é um problema fundamental que não cabe discutir no âmbito deste trabalho. Devo remeter o leitor ao capítulo V do meu livro *Tipos Psicológicos*, onde tratei detalhadamente esta questão.

CAPÍTULO 4
O CONCEITO PRIMITIVO DE LIBIDO

[114] As idéias mais primitivas referentes a uma potência mágica que pode ser considerada ao mesmo tempo como força objetiva e estado subjetivo de intensidade mostram-nos como os inícios de formação dos símbolos se acham intimamente ligados a um conceito de energia.

[115] Darei alguns exemplos, a título de ilustração. De acordo com McGEE, os índios Dacotas têm a seguinte concepção do que seja esta "força: o sol é *wakanda*, não o wakanda nem *um* wakanda, mas simplesmente *wakanda*. A lua é wakanda, e assim também o trovão, o raio, as estrelas, o vento, etc. Os homens também, especialmente os Xamãs, são wakanda. Assim como os demônios dos elementos, os fetiches e outros objetos rituais, além de numerosos animais e localidades de natureza particularmente estranha. MCGEE afirma: "A expressão (*wakanda*) pode ser traduzida talvez antes pela palavra 'mistério' do que por outra qualquer, mas mesmo este conceito é por demais estreito, porque wakanda pode significar igualmente *força, santo, velho, grandeza, vivo, imortal*".[71]

[116] Semelhante ao uso de *wakanda* pelos Dacotas é o de *oki* pelos Iroqueses e *manitu* pelos Algonquins, com o significado abstrato de "força" ou "energia produtiva". *Wakanda* é a concepção de uma "energia vital ou força universal, difundida por toda parte, invisível, mas manipulável e transferível".[72] Por isso a vida do primitivo gira, por assim dizer, em torno da preocupação de possuir esta força em quantidade suficiente.

[117] Especialmente valiosa é a observação de que um conceito como manitu ocorre também como exclamação, quando se percebe alguma coisa espantosa. HETHERWICK relata a mesma coisa a respeito do Yaos da África[73] que gritam *mulungu*, quando vêem alguma coisa espantosa ou incompreensível. *Mulungu* pode significar então:

1. a alma de uma pessoa que em vida se chama *lisoka* e quando morre se torna mulungu;
2. o mundo inteiro dos espíritos;
3. a qualidade ou força magicamente ativa inerente a um objeto de qualquer espécie, como, por ex., a vida e a saúde do corpo;
4. o princípio ativo em qualquer coisa mágica, misteriosa, incompreensível e inesperada;
5. a grande força espiritual que cria o mundo e toda vida nele presente.

[118] Semelhante a este é o conceito de wong da Costa do Ouro. *Wong* pode ser um rio, uma árvore, uma amuleto, ou um lago, uma fonte, uma área de terra, um cupinzeiro, árvores, crocodilos, macacos, serpentes, pássaros, etc. TYLOR7[74] erroneamente interpreta a força wong animisti-camente no sentido de "espírito" ou "alma". Mas, como nos mostra o uso da palavra wong, há uma relação dinâmica entre o homem e seus objetos.

---

[71] The Siouan Indians - A Preliminary Sketch,p. 182; cm LO VEJO Y The Fundamental Concept of the Primitive Philosophy, p. 363.

[72] 71. LOVEJOY, op. cit., p. 365.

[73] Citado cm LÉVY-BRUHL, op. cit., p. 141s.

[74] TYLOR, Die Anfànge der Cullur, II, p. 177 c 206.

[119] O conceito de churinga[75] dos australianos tem também um sentido energético. Ele significa:

1. o objeto ritual;
2. o corpo de um antepassado individual (do qual provém a força vital);
3. a propriedade mística de qualquer objeto.

[120] Muito semelhante é o conceito de zogo dos habitantes de Estrada Torres, usado tanto como substantivo ou como adjetivo. O australiano arunquiltha é um conceito paralelo de significado semelhante; só que é a palavra usada para designar uma atividade mágica de natureza má e o espírito mau que gosta de devorar o sol durante um eclipse.[76] Da mesma espécie é o conceito malaio de badi, que inclui também as relações mágicas más.

[121] As pesquisas de Lumholtz[77] mostraram que os Huichols mexicanos possuem também uma concepção fundamental de uma força que circula através dos homens, dos animais rituais e das plantas (veados, hikuli, trigo, penas, etc.).[78]

[122] Das pesquisas de ALICE FLETCHER entre os índios da América do Norte se deduz que o conceito de *wakan* é também o de relação energética, semelhante aos que acabamos de discutir. Uma pessoa pode tornar-se wakan pelo jejum, pela oração e por visões. As armas de um jovem são *wakan*; não podem ser tocadas por uma mulher (do contrário, a libido regrediria). Por esta razão reza-se às armas antes da batalha (para torná-las fortes, carregando-as com libido). *Wakan* estabelece a conexão entre o visível e o invisível, entre os viventes e os mortos, entre a parte e o todo de um objeto.

[123] CODRINGTON diz a respeito do conceito melanésio de mana: "A mente melanésia é totalmente possuída pela crença em uma força ou influência sobrenatural, quase universalmente chamada mana. E esta força que produz tudo o que supera as forças comuns do homem, tudo o que não entra nos processos comuns da natureza; liga-se às pessoas e coisas, e se manifesta através de efeitos que só podem ser atribuídos à sua ação. É uma força ou uma influência não física, por assim dizer sobrenatural, mas se revela na força física em algum poder ou qualidade qualquer que uma pessoa possui. O mana não se acha fixado em lugar algum, e pode ser conduzido para qualquer parte. Só os espíritos, sejam almas desencarnadas ou seres sobrenaturais, é que o possuem e podem comunicá-los. É propriamente

---

[75] Em SPENCER AND GILLEN, *The Northern Tribes of Central Austrália*, p. 277s, encontramos a seguinte observação sobre o uso do *churinga* como objeto ritual: "O nativo tem uma idéia vaga e indefinida, embora bastante firme, de que um objeto como o churinga, herdado de geração cm geração, é dotado não somente de um poder mágico depositado nele ao ser feito, mas recebeu uma espécie de força de cada um dos indivíduos aos quais pertenceu. Uma pessoa que possui o churinga esfrega-o constantemente com a mão, cantando enquanto pratica este gesto... c pouco a pouco vai adquirindo o sentimento de que há uma relação especial entre ele c o objeto sagrado, c também que uma espécie de força passa do objeto para ele c dele para o objeto". Os fetiches recebem uma nova carga de energia quando deixados junto a um outro fetiche mais forte, durante semanas ou meses. Cf. PECHUEL-LOESCHE, op. cit., p. 366.

[76] SPENCER AND GILLEN, op. cit., p. 458.

[77] *Unknown Mexiko*

[78] LÉVY-BRUHL, op. cit., p. 139: "Quand les Huichols affirmcnt ridentité... du blc, du cerf, du nikuli, et des plumes, o'cst bien une sorte de classification qui est établic entre leurs representations, classification dont 1c príncipe directeur est la présence communc chez ces ctres, ou plutôt la circulation entre ces ctres, d'um pouvoir mystique extrêmement important pour la tribu". ["Quando os Huichols afirmam a identidade... entre o trigo, o veado, o hikuli c as penas, trata-se de uma espécie de classificação que se estabelece entre suas representações, classificação cujo princípio diretor é a presença comum, nestes seres, ou melhor, a circulação, entre eles, de um poder místico extremamente importante para a tribo"].

produzido por seres pessoais, embora possa agir por meio da água ou de uma pedra ou de um osso".[79]

[124] Esta descrição nos mostra claramente que no caso do mana, assim como nos dos outros conceitos, trata-se de uma noção de energia que é o único que nos permite explicar o fato estranho destas concepções primitivas. Evidentemente não queremos dizer, com isto, que o primitivo tenha uma idéia abstrata de energia, mas não há dúvida de que sua concepção é o estágio concretista preliminar da idéia abstrata.

[125] Encontramos idéias parecidas no conceito de *tondi* dos Bataques[80], no atua dos Maoris, no *ani* ou *han* de Ponape, no *kasinge* ou *kalit* de Pelew, no anut de Kusaie, no *yaris* de Tóbi, no *ngai* dos Masais, no andriamanitra dos Malgaxes, no *njomm* dos Ekois, etc. Uma visão de conjunto quase completa nos é oferecida por SÒDERBLOM, em seu livro *Das Werden des Gottesglauben* [*A Gênese da Crença em Deus*].

[126] LOVEJOY é da opinião - com a qual estou plenamente de acordo -de que estes conceitos "não são nomes usados para designar o supranormal ou o espantoso - e certamente não o que provoca medo, respeito ou amor - mas para designar o eficaz, o poderoso e o criativo". O conceito em questão se refere propriamente à idéia de "uma substância ou energia difusa, de cuja aquisição dependem toda a força ou habilidade ou fecundidade excepcionais. A energia seguramente é fecunda (sob certas condições) e é misteriosa e incompreensível, mas o é, pelo fato de ser extremamente poderosa, e não porque as coisas que a manifestam sejam incomuns, sobrenaturais ou de tal natureza a superar qualquer expectativa racional". O princípio pré-animista é a "crença em uma força que é concebida como agindo de acordo com determinadas normas e leis inteiramente compreensíveis, uma força que pode ser estudada e controlada".[81] Para estes conceitos LOVEJOY propõe a expressão *primitive energeties* [energia primitiva].

[127] Muito do que é tomado animisticamente pelos pesquisadores como espírito, demônio ou *númen*, pertence ao conceito primitivo de energia. Como já observamos, é incorreto, no sentido estrito do termo, falar de um "conceito". A *concept of primitive philosophy* [um conceito de filosofia primitiva], segundo a expressão de LOVEJOY, é uma idéia nascida naturalmente de nossa própria mentalidade. Isto é, para nós tratrar-se-ia de um conceito psicológico de energia, ao passo que para o primitivo é ura fenômeno psíquico, que é percebido em íntima ligação com o objeto. Não há uma idéia abstrata entre os primitivos, nem mesmo conceitos concretos simples, mas tão-somente representações. Todas as línguas primitivas nos oferecem abundantes provas disto. Assim, mana não é um conceito, mas uma representação baseada na percepção da relação dos fenômenos. É a essência da *participation mystique*, descrita por Lévy-Bruhl. Na linguagem primitiva só se indica o fato da relação e da experiência que ela provoca, como o mostram claramente alguns dos exemplos dados acima, mas não a natureza ou a essência desta relação ou do princípio que a determina. A descoberta de uma designação adequada para a natureza e a essência da força unificadora estava reservada para um nível de cultura ulterior que substitui as denominações simbólicas.

[128] Em seu estudo clássico sobre o mana[82], LEHMANN define-o como o "extraordinariamente eficaz". A natureza psíquica do mana é enfatizada de maneira

[79] CODRINGTON, *The Melanesians*, p. 118. O *bariava*, de que nos fala Ch. G. Seligman, em seu livro *The Melanesians of British New Guinea* (p. 446), tão rico de valiosas observações, pertence, ao que me parece, também ao conceito de mana.
[80] WARNECK, *Die Religion der Batak*.
[81] LOVEJOY, op. cit., p. 380s.
[82] F.R. LEHMANN, *Mana, der Begriffdes "ausserordenllich Wirkungsvollen" bei Südseevölkern*.

particular por PREUSS[83] e RÕHR.[84] Realmente, é impossível escapar à impressão de que a idéia primitiva de mana é precursora do nosso conceito de energia psíquica e muito provavelmente também do conceito de energia em geral.[85]

[129] A concepção fundamental do *mana* volta a aparecer no estágio animista, sob forma personificada.[86] Aqui são almas, espíritos, demônios, deuses que produzem os efeitos extraordinários. Como muito bem acentuou LEHMANN, nada de "divino" está ligado ao conceito de mana, de modo que não se pode ver no *mana* a forma original de uma idéia de Deus. Apesar disto, dificilmente se pode negar que o *mana* é uma condição preliminar necessária ou pelo menos muito importante para o desenvolvimento da idéia de Deus, embora talvez não seja a mais primitiva de todas as condições preliminares. Uma outra condição preliminar essencial é a personificação, para cuja explicação seria preciso aduzir ainda outros fatores psicológicos.

[130] A difusão quase universal da idéia de energia é uma expressão clara do fato de que, mesmo ainda num estágio primitivo, a consciência sentia a necessidade de representar concretamente o dinamismo percebido dos acontecimentos psíquicos. Por isso, se em nossa psicologia colocamos ênfase no ponto de vista energético, fazemo-lo de acordo com os fatos psíquicos que se acham gravados no espírito humano desde épocas primordiais.

---

[83] Op. Cit.

[84] *Das Wesen des Mana.*

[85] Cf. minha discussão sobre o modo como ROBERT MAYER descobriu o conceito de energia, em Über *die Psychologie des Unbewussten*, p. 121s (cd. brasil.: *Psicologia do Inconsciente*, Petrópolis, Vozes, 1978, p. 59) [Obras Completas, VII].

[86] SELIGMAN (op. cit., p. 640s) relata as observações sobre casos que, a meu ver, são transições do mana para personificações animistas. Tais são os *labuni* dos habitantes de Gelaria. *Labuni* significa "envio". Trata-se de efeitos dinâmicos (mágicos) que emanam ou podem vir dos ovários (?) de mulheres que deram à luz. Os *labuni* assemelham-se a "sombras", utilizam-se de pontes para cruzar rios, transformam-se em animais, mas de ordinário não possuem personalidade ou forma definívcl. Semelhante a esta e a concepção do ajik dos *Elgônis* do Quênia Setentrional, como eu próprio tive ocasião de observar.